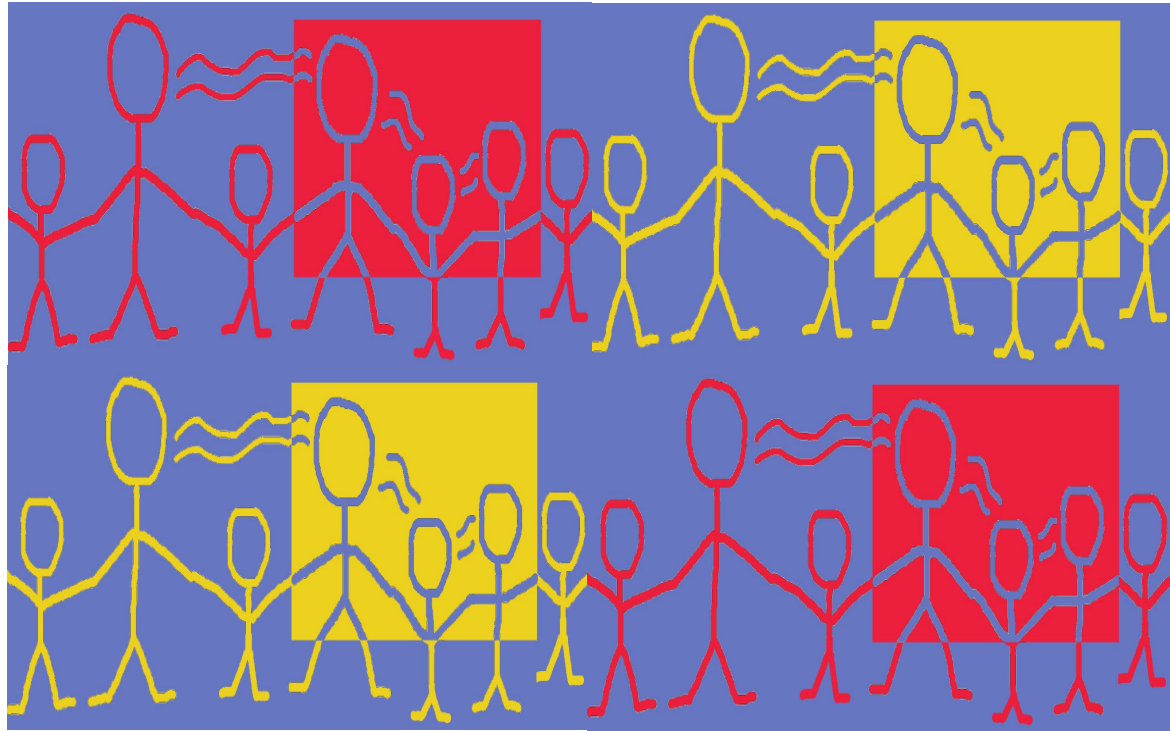


XV ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI



2010

XV ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI*

Ribeirão Preto, 22 a 26 de fevereiro de 2010.

DESENVOLVIMENTO: O QUE É, COMO OCORRE E UNIVERSIDADE COMO COMUNIDADE DE ENSINO/ APRENDIZAGEM E DESENVOLVIMENTO

* CINDEDI _ Centro de Investigações sobre o Desenvolvimento Humano e Educação Infantil
Departamento de Psicologia e Educação
Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

- Ao Departamento de Psicologia e Educação;
- À Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – USP;
- À Pró-Reitoria de Graduação da USP;
- À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (FAPESP) e ao CNPq, pelo financiamento, ao longo desses anos, de vários projetos temáticos e de inúmeros projetos de pesquisa que foram e vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores do grupo;
- Ao Banco do Brasil.

Apresentação

Esta festa de 15 anos do CINDEDI pode servir de inspiração para o nosso encontro de 2010. O “quem sou eu?”, proposto por Erikson como marca da adolescência, expande-se em mil perguntas. Nosso próprio nome pressupõe que nos dediquemos ao estudo do Desenvolvimento Humano. Mas será que nossos projetos versam sobre esse tema? E o que cada um de nós entende por desenvolvimento humano? Quais suas características, quais suas marcas?

*Por um certo tempo, a formulação da RedSig nos tranquilizou. Conseguimos ampliar nosso olhar para apreender a rede complexa de significações em que estamos imersos e que se reorganiza a cada momento e situação, sobretudo a partir das interações que estabelecemos com o(s) outro(s), real (ais) ou virtual (ais). Buscamos investigar os vários elementos que a constituem, põem em movimento e a transformam. Porém talvez tenhamos perdido um pouco o foco na **pessoa em desenvolvimento**.*

Lançando um olhar para a produção da Psicologia do Desenvolvimento nacional e internacional, vemos que seu foco continua a ser posto no indivíduo, enquanto para nós, esse foco abrange as pessoas em interação (também em desenvolvimento) e o meio/contexto que continuamente se constitui e se modifica nesse processo.

Alguns dilemas básicos demarcam e estão sempre presentes na Psicologia do Desenvolvimento. Vou abordá-los rapidamente apenas lançar estes e outros temas à discussão, sabendo que eles muitas vezes se superpõem. Numa brincadeira de jogar idéias no papel, teci algumas considerações sobre alguns, enquanto outros foram apenas nomeados.

O primeiro contrapõe:

*- **constância e estabilidade X transformação e mudança***

A constância vem de múltiplos aspectos: da história da espécie (filogenética), da família, do grupo social e cultural, e da vida pessoal (ontogenética). Nossos genes, nossas marcas individuais e familiares nos acompanham através da vida. Podem se

expressar mais tardiamente, mas demonstram que temos semelhanças, que somos provenientes de um mesmo grupo genético e/ou cultural, familiar. E tem mais: os outros também atribuem e esperam de/em nós essas constâncias. Mesmo as comportamentais, as formas de agir, pensar e falar, conforme os papéis e/ou posições que nos atribuem. E estranham quando rompemos com a mesmice esperada. Em nossa cultura, de nós se espera e nós mesmos temos expectativas de nos tornarmos alguém com certa identidade. Que possa ser reconhecida pelos outros em sua individualidade e nos permita sermos admitidos em uma certa comunidade ou grupo social.

No entanto, a transformação e as mudanças, a cada momento e situação e ao longo da vida, são contínuas. E constituem a própria marca do desenvolvimento, que nos diferencia dos outros e de nós próprios, embora haja “loops” reiterativos que nos fazem retornar a pontos anteriores. Mas há mudanças pequenas, que não alteram o todo, e mudanças que realmente demarcam uma transformação.

As crises constituiriam momentos privilegiados de mudança. Embora possam também levar à acentuação das próprias características.

O segundo contrapõe:

- fusão X diferenciação e individuação, em uma busca contínua de identidade

A característica dialógica e situada do desenvolvimento nos mergulha em um processo dialético de fusão e diferenciação com os outros, em uma busca contínua de identidade, que envolve tanto o diferenciar-se do outro como o identificar-se com e pertencer a um certo grupo ou comunidade. Mas o não ser enxergado, percebido pelo outro, o não se sentir pertencendo a alguém ou a algum lugar ou grupo, coloca o indivíduo num vazio, onde ele busca as formas mais loucas e violentas para se afirmar, ou paga um preço alto para pertencer a algum grupo, mesmo que seja de delinquentes.

Outro eixo contrapõe:

- estrutura X função

No quarto eixo, combino dois pares de idéias, que me parecem falar de campos semelhantes.

- intersubjetividade X intrasubjetividade

- intersíquico X intrapsíquico

Para o construcionismo radical, tudo é construção social, a qual é marcada pela posição/lugar/papel em que a pessoa se coloca ou é colocada nas interações. O sujeito é apenas um sujeito de um discurso.

Influenciada pela Análise do Discurso de orientação francesa (Pêcheux, Eni Orlandi, Cláudia Lemos e cia), eu também nos concebia como sujeitos do discurso, portanto sujeitos assujeitados, pela linguagem, pela cultura, por essa série de circunscritores, com poucas possibilidades de negociação com os limites e possibilidades que nos circunscrevem.

No entanto, enquanto na Psicologia Social, é possível sustentar uma visão efêmera de sujeito e de constância / mudança, na Psicologia do Desenvolvimento, o biológico, o genético estão muito presentes, como elementos constitutivos do sujeito.

Assim, pouco a pouco, tenho reconhecido e respeitado mais a existência de um sujeito psicológico que, no entanto, não apaga sua materialidade enquanto sujeito do discurso.

Acho mais difícil entender essa separação / distinção entre inter e intrapsíquico ou inter / intrasubjetividade.

Faço minhas as palavras de Vygotsky, que o pensamento é um diálogo internalizado. Nós somos múltiplos, e esse próprio sujeito psicológico é múltiplo e multifacetado, podendo falar com seus próprios botões (com ecos de vozes alheias?).

O inter e o intra me parecem duas faces de uma mesma moeda.

Brincando de jogar com idéias, aqui aparece outra reflexão minha.

Essa capacidade de falar com seus próprios botões, de se enxergar como outro, a respeito do qual reflete e se questiona, essa capacidade de desdobramento entre real e imaginário, é algo que se desenvolve na interação com outros. E essa capacidade pode

ficar inibida naqueles que tiveram de sobreviver na luta do dia a dia, sem ter alguém que lhes desse acolhimento, proteção e afeto. Essas pessoas passam do impulso para a ação, sem conseguir ter o necessário afastamento da realidade, e a possibilidade de imaginar essa ação, refletindo sobre ela e dirigindo mais intencionalmente suas ações.

Acho que poderia trazer outros eixos, porém, antes de terminar esta apresentação, gostaria de abordar uma visão de desenvolvimento da qual sempre tentei me afastar, mas que agora percebo como bastante importante. Aquela que aborda estágios ou fases, e que é tão refletida nas avaliações e testes.

Nas legislações e diretrizes sobre acolhimento familiar, abrigamento e adoção, e também no próprio ECA, nos surpreendem normas que abrangem a infância de 0 a 12 anos, sem considerar as especificidades de cada fase. Embora a idade não defina o nível de desenvolvimento e as características da pessoa, a idade, as fases ou estágios constituem circunscritores importantes. Não é possível pensar as mesmas medidas para crianças de 2, 6 ou 12 anos.

Encontramo-nos aqui frente a um assunto polêmico, que vai exigir de nós maior maturidade. Própria de quem já está festejando seus 15 anos?

Sejam bem vindas tanto as pessoas como as discussões

Clotilde

XV ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINEDEDI

	2ª Feira (22/02)	3ª Feira (23/02)	4ª Feira (24/02)	5ª Feira (25/02)	6ª Feira (26/02)
Manhã	9h00min: Abertura: Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (CINEDEDI) Conferência: Reinaldo Furlan (CINEDEDI)	8h30min: Interação de bebês e desenvolvimento Inclusão e desenvolvimento: Katia de Souza Amorim (CINEDEDI) Debatedoras: Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (CINEDEDI) Adriana Laplane (UNICAMP)	8h30min: Desenvolvimento em situações de ruptura: Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (CINEDEDI) Desenvolvimento e saúde mental: Regina Helena Caldana (CINEDEDI) Debatedor: Fernando L. G. Rey (UniCEUB / UnB)	8h30min: Creche – comunidade de ensino /aprendizagem e desenvolvimento: Ana Maria Mello Regina Telles Rosa Virgínia Pantoni (Creche Carochinha COSEAS-USP) Beatriz Boriollo (Creche USP São Carlos) Debatedora: Ana Paula Soares da Silva (CINEDEDI)	9h00min: Avaliação e encaminhamentos : Carmem Maria Craidy (UFRGS) Maria Isabel Pedrosa (UFPE) Cristiane Rosa Campos (CINEDEDI) Marcelo Vieira (CINEDEDI)
Tarde	13h00min-15h00min: Sessão de Painéis 15h00min: Educação e Desenvolvimento: Ana Paula Soares da Silva (CINEDEDI) Jaqueline Pasuch (UNEMAT) Debatedora: Ana Lúcia Nogueira Horta (FFCLRP-USP)	14h00min: Mesa Redonda – Repensando o desenvolvimento humano: Marta Kohl de Oliveira (FEUSP) Maria Isabel Pedrosa (UFPE) Fernando L. G. Rey (UniCEUB / UnB) Coordenadora: Maria Clotilde Rossetti-Ferreira (CINEDEDI) Debatedora: Zilma de Moraes Ramos de Oliveira (CINEDEDI)	13h00min-15h00min: Sessão de Painéis 15h00min: Kátia de Souza Amorim Maria Isabel Pedrosa (UFPE) Adriana Laplane (UNICAMP) Debatedora: Zilma de Moraes Ramos de Oliveira (CINEDEDI)	13h00min-15h00min: Sessão de Painéis das Creches da USP 15h00min: Universidade – comunidade de ensino /aprendizagem e desenvolvimento: CEP/Semana da Psicologia Estagiários da disciplina A Criança na instituição Alunos do CINEDEDI Debatedor: Reinaldo Furlan (CINEDEDI)	13h00min: Almoço coletivo
Noite	17h30min: Coquetel			18h30min: Confraternização no Templo da Cidadania Apresentação: Grupo Bossa Nossa	

SUMÁRIO REMISSIVO

I. Apresentação	4
II. Programa do XIV Encontro Científico do CINDEDI	8
III. Resumos por EIXO TEMÁTICO	14
IV. Relatos de Experiência	39

RESUMOS POR EIXO TEMÁTICO

1. EIXO TEMÁTICO: EDUCAÇÃO INFANTIL 15

1.1. Mestrado

QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL PÚBLICA: CONCEPÇÕES DAS FAMÍLIAS USUÁRIAS. Bruna Calefi Gallo & Ana Paula Soares da Silva. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo 15

EDUCAÇÃO INFANTIL NO CAMPO: DESCOBRINDO ECOLOGIAS DE DESENVOLVIMENTO E SIGNIFICAÇÕES DE PROFESSORES, PAIS E CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA. Juliana Bezzon Silva & Ana Paula Soares da Silva. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. 16

HOMEM COMO PROFESSOR DE CRECHE: QUE HISTÓRIA É ESSA? Mara Isis de Souza & Ana Paula Soares da Silva. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. 17

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO INFANTIL: POSIÇÕES/ PAPÉIS E PERSPECTIVAS A PARTIR DA FALA DE CRIANÇAS MORADORAS DE PERIFERIA E DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. Regiane Sbroion Carvalho & Ana Paula Soares da Silva. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. 18

1.2. Iniciação Científica

“JOGANDO CONVERSA SÉRIA FORA”: CONVERSANDO COM CRIANÇAS. Marcella Oliveira Araújo ; Ludmilla Dell'Isola Pelegrini de Melo Ferreira & Paula Cristina Medeiros Rezende. *Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia-MG.* 19

2. EIXO TEMÁTICO: ADOÇÃO, ACOLHIMENTO FAMILIAR E ABRIGAMENTO 20

2.1. Doutorado

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE RELACIONAMENTOS A PARTIR DA PERSPECTIVA DA CRIANÇA: ANÁLISE DE TRÊS GRUPOS DE IRMÃOS EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL. Ivy Gonçalves de Almeida & Maria Clotilde Rossetti-Ferreira. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. 20

2.2. Mestrado

TIA, CUIADORA, MÃE: FUSÃO E DIFERENCIAÇÃO NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DAS MÃES SOCIAIS. Aline Ottoni M. N. Lima & Lucia Helena F. M. Costa. *Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia-MG*. 21

O PROCESSO DE REINTEGRAÇÃO FAMILIAR DE CRIANÇAS DE ZERO A SEIS ANOS DE IDADE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO. Fernanda Lacerda Silva & Maria Clotilde Rossetti –Ferreira. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. 22

REDE SOCIAL E RELACIONAMENTO ENTRE IRMÃOS: A PERSPECTIVA DA CRIANÇA EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL. Ivy Gonçalves de Almeida & Maria Clotilde Rossetti-Ferreira. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. 23

A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE CRIANÇAS ADOTADAS: A PERSPECTIVA DE PAIS E PROFESSORES. Letícia F. R. F. Castro ; Sueli C. De Pauli Teixeira & Maria Clotilde Rossetti-Ferreira. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. 24

2.3. Iniciação Científica

CRIANÇAS ACOLHIDAS INSTITUCIONALMENTE E AS PESSOAS QUE CONSIDERAM MAIS IMPORTANTES EM SUAS VIDAS. Nívea Passos Maehara ; Ivy Gonçalves de Almeida & Maria Clotilde Rossetti-Ferreira. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. 25

26

3. EIXO TEMÁTICO: INCLUSÃO SOCIAL E ESCOLAR DE PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

3.1. Doutorado

ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: 26

RECORTES DE UMA REALIDADE. Lúcia Maria Santos Tinós ; Fátima Elisabeth Denari & Katia de Souza Amorim. Universidade Federal de São Carlos- UFSCAR.

3.2. Mestrado

CENSO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO ENSINO PÚBLICO 27
ESTADUAL EM UM MUNICÍPIO DE MÉDIO PORTE DO INTERIOR PAULISTA.
Patrícia Moreira Souza & Katia de Souza Amorim. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

3.3. Iniciação Científica

10 ANOS DE INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES 28
ESPECIAIS EM RIBEIRÃO PRETO: MAPEAMENTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL
E INCLUSIVA NA REDE PRIVADA DE ENSINO. Carla P. Morelli & Katia de Souza Amorim. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A DINÂMICA DA RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA E A QUESTÃO DA 29
SUPERPROTEÇÃO, EM SITUAÇÃO DE FILHO COM EPILEPSIA: REVISÃO
BIBLIOGRÁFICA NACIONAL E INTERNACIONAL
Cristiane R. Campos & Katia de Souza Amorim. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

4. EIXO TEMÁTICO: COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM E RELAÇÕES, NO PRIMEIRO ANO DE VIDA

4.1. Mestrado

ABREVIÇÃO DE SIGNIFICAÇÕES, EM RELAÇÕES DE BEBÊS COM SEUS 30
PARES DE IDADE. Carolina Alexandre Costa & Katia de Souza Amorim. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

OS MODOS DE RELAÇÕES E A CO-CONSTRUÇÃO DOS RECURSOS 31
COMUNICATIVOS EM BEBÊS QUE VIVEM EM DIFERENTES CONTEXTOS DE
ACOLHIMENTO. Gabriella Garcia Moura & Katia de Souza Amorim. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

O ESTABELECIMENTO DA ATENÇÃO CONJUNTA, EM PROCESSOS 32
INTERATIVOS DESENVOLVIMENTAIS: ESTUDOS DE CASO COM BEBÊ
VIDENTE E CEGO OU COM DEFICIÊNCIA VISUAL SEVERA. Katia M. Colus & Katia de Souza Amorim. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

A EMERGÊNCIA DE UMA UNIDADE DE ANÁLISE PARA O ESTUDO DA 33
(TRANS)FORMAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NO BEBÊ. Luciana Aparecida Rodrigues & Katia de Souza Amorim. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de

Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

4.2. Iniciação Científica

ESTUDO DOS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL, EM UM BEBÊ SURDO, DURANTE EPISÓDIOS DE BRINCADEIRA. Maria Manuela Manaia & Katia de Souza Amorim. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. 34

SIGNIFICAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO, NO PRIMEIRO ANO DE VIDA, EM CRECHE - “CUIDANDO OU TOMANDO CUIDADO”: UM ESTUDO DE CASO SOBRE UM BEBÊ MORDEDOR. Rosaria Fernanda Magrin Saullo & Kátia de Souza Amorim. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. 35

5. EIXO TEMÁTICO: FIGURAS DO SI MESMO OU NOÇÕES DE SUBJETIVIDADE 36

5.1. Mestrado

DESEJO E NEGATIVIDADE NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY. Vitor Hugo Oliveira & Reinaldo Furlan. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. 36

6. EIXO TEMÁTICO: ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS 37

6.1. Mestrado

(RE)PRODUÇÃO DA CULTURA ESCOLAR NO CONTEXTO DE AMPLIAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA 9 ANOS. Delma R. Silva Bezerra & Ana Paula Soares Silva. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. 37

7. EIXO TEMÁTICO: FAMÍLIA E TRABALHO 38

7.1. Iniciação Científica

CONCILIAÇÃO FAMÍLIA TRABALHO: A PERCEPÇÃO DE CRIANÇAS SOBRE O CUIDADO DO LAR. Maria Tereza F. Souza & Regina Helena L. Caldana Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo. 38

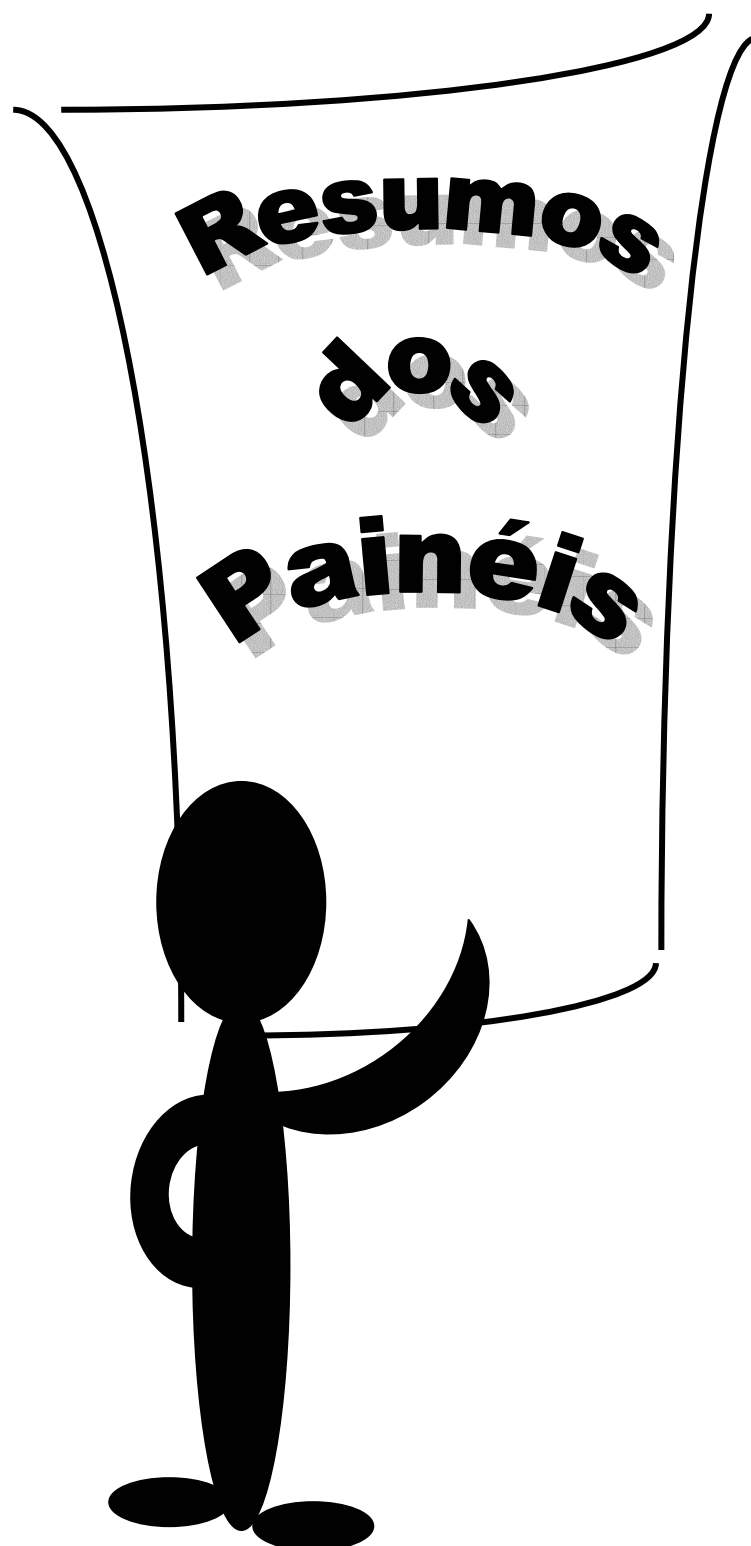
RELATOS DE EXPERIÊNCIA 39

CRECHE E PRÉ-ESCOLA CAROCHINHA - COSEAS USP

RIBEIRÃO PRETO - SP	40
VIAGEM AO FANTÁSTICO TRENZINHO SURPRESA DO NICOLAU. Alma Helena Alves da Silva.	40
SE ELA NÃO ME ESCOVA, EU DANÇO! Eliane Facincani Costa	40
ERA UMA VEZ BEBÊS QUE “LIAM” HISTÓRIAS. Eva Agassi Martins da Silva	41
BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS. Grace Mara Toledo-Abrahão	42
CALENDÁRIO BIOLÓGICO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Nádia Fernanda Machado Silva	43
EXPOSIÇÕES INTERATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Rosa Virginia Pantoni	43
SEMEAR, CULTIVAR E FLORESCER: TRABALHANDO A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Rosana Stella	44
PROCESSO SAÚDE-DOENÇA E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL. Silvana Januário	45

CRECHE E PRÉ-ESCOLA - COSEAS USP

SÃO CARLOS - SP	47
COMO CRIANÇAS DE 2 ANOS REGISTRAM SUAS EXPERIÊNCIAS. Ariane Cristina Fermino de Macedo & Regina Mara Honce Braga	47
A CONSTRUÇÃO DA ORALIDADE: O CASO DA GALINHA. Ismália Karoline Silvatti & Ana Carolina C. Carreiro	47
“COMO MONTAMOS UM CIRCO NA TURMA DO CIRCO”. Liliane Terra Pereira Araújo; Ivânia Aparecida Grossi Aparecido ; Luciane Pedrocchi Roiz & Damaris Jesus Zanete.	48
PROJETO CAIXA DE AFRICANIDADES. Margarete Marchetti & Silvia Elaine Martinez Parras	49
SÓ VÊ QUEM SABE: DOS PRIMEIROS GESTOS A TANTOS MOVIMENTOS. Maria Dolores Alves Cardoso Betoni & Luciane Pedrocchi Roiz	50
NO FUNDO DO MAR TEM CANTO? Rosângela Teyo Vittoretto	50
BRINCANDO DE MARIA-FUMAÇA Thaís Helena Ferreira Ramos & Larissa da Silva Oliveira	51
NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA CASA, TINHA UMA CASA NO MEIO DO CAMINHO. Vivian C. Davies Sobral Nascimento.	52



QUALIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL PÚBLICA: CONCEPÇÕES DAS FAMÍLIAS USUÁRIAS.

Gallo, Bruna Calefi & Silva, Ana Paula Soares da

Pesquisa Concluída

Questões relacionadas à qualidade da educação têm evocado muitas discussões e ocupado importantes espaços de debate educacional, sobretudo a partir da última década do século XX. Políticas públicas e reformas educacionais têm sido implantadas em diversos países a partir de tais discussões. Muitas são as concepções de qualidade, assim como os instrumentos de avaliação educacional. Dentre as diferentes correntes, alguns autores defendem que a avaliação da qualidade da educação seja feita a partir do diálogo entre todos os atores envolvidos na educação, dentre eles, as famílias. Na aproximação a essas perspectivas, o objetivo do presente trabalho é compreender o que as famílias entendem por qualidade da instituição de educação infantil e quais elementos são considerados para a realização da avaliação. A pesquisa foi realizada com famílias de três instituições de educação infantil de um município da região de Ribeirão Preto. Nas três instituições, houve a aplicação de um questionário com as famílias. Em uma delas, foi realizado um colóquio, guiado por um temário, com um grupo de 8 famílias. O questionário é uma tradução adaptada do instrumento criado pelo grupo italiano Sviluppo Umano e Società, do Consiglio Nazionale delle Ricerche (Roma). As 309 famílias das três instituições foram convidadas a participarem voluntariamente da pesquisa, 156 famílias participaram da aplicação do questionário, sendo 75% das respondentes as mães. Tendo a Hermenêutica de Profundidade (HP) de Thompson como guia, o material de pesquisa foi analisado a partir de três aspectos: o *locus* e as relações de produção das formas simbólicas sobre qualidade da educação infantil, os dados organizados em tabelas, gráficos e transcrições e a interpretação conjunta de todas essas formas simbólicas. Os resultados e a discussão foram organizados em três subitens: *Contextualização Sócio-histórica*, *Indicadores* (Espaço Físico/ Estrutura, Aprendizagem e Cuidado) e *Relação Família/Creche: um caminho para a busca da qualidade*. No subitem *Indicadores* é possível perceber que as famílias pensaram a qualidade da educação infantil sob vários aspectos, demonstrando preocupação com o desenvolvimento global das crianças. Algumas posições assumidas pelos participantes trazem idéias associadas a novas formas de pensar a sociedade, a família, a criança e a educação infantil formal, outras reforçam o *status quo* e as idéias vigentes na realidade de nossa sociedade e, conseqüentemente, nas instituições de educação infantil. O presente estudo, portanto, pretende mostrar que as famílias usuárias detêm um conhecimento específico sobre as crianças e podem contribuir significativamente com a busca da qualidade das instituições de educação infantil. Apesar de não especialistas em educação infantil, as famílias mostraram que não se contentam apenas com a guarda e alimentação de suas crianças, olhando para estas percebem outras necessidades que julgam importantes, como brincar, movimentar e socializar. Podemos concluir que a efetivação da parceria família e creche seja um dos caminhos para a busca da qualidade da educação infantil pública.

Agência Financiadora: CAPES

EDUCAÇÃO INFANTIL NO CAMPO: DESCOBRINDO ECOLOGIAS DE DESENVOLVIMENTO E SIGNIFICAÇÕES DE PROFESSORES, PAIS E CRIANÇAS DA PRÉ-ESCOLA.

Silva, Juliana Bezzon & Silva, Ana Paula Soares

Redação de projeto

A discussão sobre a educação infantil no/do campo é recente no contexto brasileiro. Nela, estão envolvidas concepções de infância, educação e campo, que muitas vezes provocam tensões e conflitos evidenciando as contradições da sociedade e as necessidades de analisar sua complexidade. Diante desse panorama, este projeto objetiva investigar as significações de educação infantil no/do campo presentes nas práticas e discursos de professores, famílias e crianças do campo. Tendo em vista a diferença entre o atendimento infantil oferecido na cidade e no campo, as diferentes concepções de campo e de escola para o campo, os objetivos específicos deste trabalho são: (a) conhecer as características, semelhanças e peculiaridades da educação infantil oferecida em uma instituição localizada na comunidade rural e outra, na cidade, que recebe as crianças do campo; (b) verificar de que maneira situações diversas de atendimento às crianças do campo ocorrem, se pronunciam e são significadas pela família, crianças e professores; (c) traçar possíveis desafios e possibilidades da educação infantil para as crianças do campo, as famílias e os professores tendo em vista suas diferentes configurações. Para isso, participarão do estudo: uma escola no campo e uma escola da cidade que recebe crianças do campo. Os materiais que constituirão o *corpus* serão analisados e integrados de acordo com a perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações – para a qual o contexto em que a pessoa vive suas experiências representa os recursos e instrumentos para seu desenvolvimento – e da abordagem da Inserção Ecológica – que se caracteriza pela sistematização dos quatro aspectos da teoria ecológica: o processo, a pessoa, o contexto e o tempo. Para que a inserção ecológica ocorra de modo efetivo, propõe-se o engajamento da pesquisadora na situação investigada por um período de tempo estendido, permitindo que o processo proximal entre pesquisadora e participantes torne-se cada vez mais complexo e recíproco, de modo a buscar coincidências e contradições, considerando os diferentes níveis de contextos sistêmicos. Nessas situações, busca-se descrever as interações entre pessoas, as atividades e os espaços presentes no ambiente imediato investigado, as interações recíprocas nessa situação e as possibilidades que os objetos e símbolos apresentam para os sujeitos de atenção, manipulação, imaginação e exploração. Além da vivência no cotidiano da instituição, pretende-se conhecer também um pouco a comunidade rural da qual faz parte a criança. Assim, serão realizados os seguintes procedimentos: observação participante, com registro em diário de campo e fotografia; entrevistas semi-estruturadas audiogravadas com pais e professores; rodas de conversa, mediadas por desenhos, com as crianças. Com isso, objetiva-se obter elementos para uma contextualização dos vários elementos envolvidos nas significações de educação infantil, cultura e infância do campo dos participantes da pesquisa. O estabelecimento de categorias para análise do *corpus* será constituído a partir das leituras exaustivas dos materiais das entrevistas, colóquios, rodas de conversas, imagens e observações, que permitirão a composição dos dois contextos como realidades reconstruídas pela pesquisadora. A partir dessas categorias, serão criados eixos de investigação baseados nos objetivos da pesquisa, que serão analisados individualmente e em suas interseções.

HOMEM COMO PROFESSOR DE CRECHE: QUE HISTÓRIA É ESSA?

Souza, Mara Isis de & Silva, Ana Paula Soares da

Projeto em andamento

Em meio às diversas mudanças que vêm ocorrendo na relação entre gênero e profissão, o número de homens que ingressam como professores em equipamentos de educação infantil que atendem a faixa etária de 0 a 3 anos vem aumentando, ainda que timidamente. O presente estudo tem como objetivo investigar de que maneira vem se dando a inserção do homem nessas instituições, sob o ponto de vista das professoras, da direção, das famílias e do próprio professor. A construção do *corpus* da pesquisa, ancorada no referencial teórico-metodológico da Rede de Significações, foi feita por meio de: (1) visitas e observações, com registros, em caderno de campo, das práticas e relações estabelecidas pelo professor com as crianças, as famílias, suas colegas e a direção, realizadas em dois momentos, em 2008, no segundo semestre do ano letivo, e em 2009, durante o período de adaptação; (2) entrevistas semi-estruturadas, gravadas em áudio e transcritas na íntegra, com os atores envolvidos neste processo (professor, professoras, direção e famílias, sendo que nestas últimas o critério de escolha do participante foi a existência de um maior vínculo com a instituição, sendo aberta a participação a outros familiares). A análise do material vem sendo feita no sentido de identificar de que maneira os diversos atores envolvidos no processo de inserção do homem na creche, como professor, foram atribuindo sentidos e significados a este homem, à instituição e ao processo de cuidar e educar crianças pequenas em espaço coletivo. Análises preliminares dos registros de observação e das entrevistas trazem a experiência de inserção do homem como educador de creche de maneira positiva e recomendável. Dentre os argumentos apresentados acerca das possibilidades que se abrem ante a nova situação, a de uma figura masculina que possa representar o pai, especialmente para as crianças que não convivem com esta figura em suas famílias, é algo que se destaca e que na opinião de alguns, estava em falta. Em relação à questão do cuidado, que aparece como a que mais suscita pensar no fato de que este educador é um homem, a decisão da direção, acatada pela equipe, de afastar o educador das atividades de cuidado com o corpo das meninas parece ter sido suficiente para evitar a emergência de conflitos, permitindo que esta inserção se efetivasse sem maiores dificuldades. Como consequência desta inserção, a possibilidade de interações do educador com as famílias, mesmo que de maneira indireta por meio dos relatos e manifestações das crianças, parece resultar em uma (re)significação da presença de um professor na creche, que leva do preconceito inicial ao estabelecimento de uma relação de confiança com este profissional.

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO INFANTIL: POSIÇÕES/ PAPÉIS E PERSPECTIVAS A PARTIR DA FALA DE CRIANÇAS MORADORAS DE PERIFERIA E DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA

Carvalho, Regiane Sbroion & Silva, Ana Paula Soares da

Pesquisa em Andamento

A presente pesquisa busca compreender como crianças dão sentido às suas formas de participação em espaços vivenciados cotidianamente. O tema participação infantil tem sido bastante investigado buscando compreender a atuação de crianças, sendo encontrados modelos baseados definições e estágios que hierarquizam as formas de participação, variando de formas não participativas às que proporcionam um maior nível de participação. No presente trabalho dialogamos com a perspectiva da RedSig, que defende que nas interações sociais *necessariamente* ocorre a participação de todas as pessoas envolvidas, nos afastando, assim da polarização encontrada freqüentemente nos estudos sobre a participação infantil. Propusemos, para analisar o fenômeno, abordar as *formas* de participação infantil vivenciadas cotidianamente pelas crianças e não a rotulação das interações como participativas ou não participativas. Participaram do estudo dezesseis crianças de sete a dez anos, sendo quatro de cada idade – duas do assentamento rural e duas moradoras do bairro periférico. Os instrumentos utilizados para a construção do *corpus* da pesquisa foram: (1) diário de campo com as impressões e relatos realizado a partir da inserção da pesquisadora nos contextos investigados; (2) questionário sócio-econômico para um delineamento das famílias participantes; (3) fotografias realizadas pelas crianças sobre situações de seu cotidiano – foi disponibilizada às crianças uma câmera fotográfica com um filme de 12 poses para que fotografasse o que julgasse importante no seu cotidiano e representativo de vida.; (3) entrevista com cada criança, baseada nas fotos na qual se investigavam as condições de produção da foto, o porquê da fotografia daquele local e as relações estabelecidas entre os componentes daquele espaço e a criança. Ao final, foi pedido que cada criança escolhesse cinco fotos e descrevesse o porquê dessa escolha. Essas conversas foram audiogravadas e transcritas. As fotos foram disparadores da conversa, que não se restringiu apenas a elas. A partir da proposta de compreensão do conceito de participação baseado em suas formas, propomos os seguintes eixos de análise: (1) posição ou papel assumido/atribuído à criança e seus parceiros de interação; (2) Como o poder se atualiza na relação, isto é, ocorre a circulação do poder entre os parceiros de interação? Caso o poder se mantenha com apenas um ator social, quem é ele? Quais elementos podem nos ajudar a compreender a manutenção do poder apenas com esse ator? (3) A influência da matriz sócio-histórica nas *formas* de participação da criança. Que elementos da matriz sócio-histórica conseguimos encontrar se materializando nas relações? Analisamos as entrevistas de uma menina do assentamento e um menino do bairro ambos de dez anos. Sobre as formas de participação de ambos encontramos diferenças significativas. Nas interações da menina encontramos maiores possibilidades de papéis mais ativos, considerando suas falas, com uma circulação maior do poder entre seus parceiros de interações. Mesmo em contexto que não possibilitavam esses novos lugares, ela com ação coletiva conquista de novos papéis e direitos. Já as formas de participação do menino ficaram mais restritas à um lugar mais passivo, sendo que seus parceiros de interação, ocupam um lugar de responsável, com maior sapiência, sem circulação de poder.

Agência Financiadora: Cnpq

“JOGANDO CONVERSA SÉRIA FORA”: CONVERSANDO COM CRIANÇAS

Araujo, Marcella Oliveira ; Ferreira, Ludmilla Dell'Isola Pelegrini de Melo & Rezende, Paula
Cristina Medeiros

Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia-MG

Pesquisa em andamento

Este resumo é parte de uma pesquisa de iniciação científica em andamento, cujo objetivo é investigar a infância por ela mesma, aproximando-se do universo infantil por meio de um exercício de perguntas simples, tais como: o que vem à sua cabeça quando eu digo a palavra escola, chocolate, brincadeira, mãe, entre outras. Os participantes da pesquisa foram crianças entre cinco e sete anos, que estavam em locais públicos, como clubes, parques e praças; acompanhadas de seus responsáveis que autorizaram a participação no estudo. Esta estratégia metodológica teve como intenção experimentar campos minimamente inusitados e provocativos para o papel do pesquisador em formação, e analisar as surpresas e imprevisibilidades que acompanham tal percurso. A idéia é arriscar acordos intersubjetivos mais criativos e inéditos, produzindo uma re-significação dos posicionamentos nos diálogos construídos no momento da pesquisa. Das seis aproximações para apresentação da pesquisa, apenas um convite foi negado pela responsável da criança. Todos os encontros foram gravados e transcritos. Como material de análise incluímos também o diário de bordo redigido imediatamente após cada encontro. Durante o exercício, as pesquisadoras tinham como intenção, e desafio, criar junto com a criança um espaço de conversa que possibilitasse legitimar as múltiplas linguagens e narrativa das mesmas. Na análise das produções buscou-se compreender como se constituíam, na conversa, os posicionamentos da criança e do pesquisador comprometido em colaborar para a construção deste espaço ativo. O enquadramento relacional específico utilizado neste estudo foi interessante na medida em que colaborou para explicitar que existem diversos modos de se compor o diálogo com as crianças. Um enquadramento possível é aquele onde o pesquisador se impõe na entrevista definindo *a priori* o seu lugar de poder no diálogo. A “brincadeira” de perguntar nos proporcionou experimentar outros acordos possíveis, estranhamentos, surpresas, além de fomentar curiosidade no encontro com as crianças; e esta imprevisibilidade possibilitou reconhecer a potencialidade das descobertas enquanto se conversa, assim como a riqueza do encontro entre crianças e adultos como interlocutores que se relacionam com o mundo e se constituem enquanto constroem a pesquisa. Explicitar o modo como formulamos nossas perguntas diante da curiosidade pelas respostas e perguntas das crianças, permite uma reflexão interessante sobre como colaboramos com o processo de constituição da infância e da pesquisa com crianças. Nesse sentido, uma pergunta que tem endossado o exercício de realizar os dois movimentos propostos pela pesquisa é: Que outras crianças (infâncias) teríamos se fizéssemos outras perguntas? Tal questão amplia possibilidades e nos convida ao atrevimento enquanto estamos com as crianças. Acreditamos que as interrogações produzidas na situação são alternativas que abrem caminho para compreender as interações, situando-as histórica e culturalmente; convivendo com a surpresa, na qual não se tem uma receita pré-determinada e uma verdade absoluta que guie o pesquisador, mas sim uma abertura para o desconhecido no qual o pesquisador reflete sobre o óbvio e se põe a desconstruí-lo.

O PROCESSO DE CONSTRUÇÃO DE RELACIONAMENTOS A PARTIR DA PERSPECTIVA DA CRIANÇA: ANÁLISE DE TRÊS GRUPOS DE IRMÃOS EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL.

Almeida, Ivy Gonçalves de & Rossetti-Ferreira, Maria Clotilde.

Redação de projeto

A experiência de acolhimento institucional, embora seja uma medida de proteção prevista pelo ECA, é marcada pela ruptura de laços e vínculos afetivos anteriormente estabelecidos. Pesquisas apontam que crianças expostas a essa situação tendem a construir parcerias importantes com os irmãos acolhidos juntos e com outras crianças e adultos ligados à instituição, sendo que tais parcerias mostram-se essenciais para seu desenvolvimento. No entanto, estudos sobre esse assunto são escassos. Assim, sob a perspectiva da Rede de Significações, pretendemos realizar o estudo de caso de três grupos de irmãos acolhidos institucionalmente, buscando conhecer a partir de uma análise qualitativa alguns dos elementos envolvidos no processo de construção de parcerias da criança com seus irmãos e com outros parceiros. Para essa análise será utilizada parte do banco de dados construído durante o período de fevereiro a junho de 2008, cuja coleta dos dados foi realizada em três abrigos. Serão participantes dessa pesquisa três grupos de irmãos, num total de sete crianças, com idades entre de 6 a 12 anos. Para a coleta de dados foram realizados quatro encontros individuais com cada criança, utilizando-se três instrumentos: 1) entrevista com o intuito de conhecer quem a criança procura e por quem é procurada em determinadas situações relacionadas às funções de cuidados e atividades diárias (F1), proteção (F2), educação (F3), apoio emocional e relação afetiva (F4), e brincadeira e lazer (F5); 2) desenho; e 3) uma adaptação do Four Field Map. Durante todos os quatro encontros com cada criança, utilizamos material lúdico de apoio (família de bonecos e material para desenho) e a interação da pesquisadora com as crianças não se restringiu à metodologia brevemente descrita. Buscamos, desta forma, a maior flexibilidade possível nessa relação, dando espaço para a espontaneidade das crianças, por meio das brincadeiras, músicas, histórias, relatos de lembranças, além de ter atendido aos pedidos de colo, abraços, beijos e até participar da rotina das crianças, tal como dar comida na boca. Essas diferentes narrativas das crianças serão levadas em consideração na análise dos dados. Para contextualizar esses dados foram entrevistados doze funcionários dos abrigos, além de serem realizadas notas de campo. Os dados serão analisados qualitativamente, utilizando-se o método de estudo de caso. Dada a escassez de estudos sobre o assunto, pretendemos que este trabalho possibilite e enriqueça discussões sobre condições e procedimentos que contribuam com a promoção da qualidade no acolhimento de crianças e adolescentes em situação de abrigo. Esperamos também que seu conteúdo possa ser usado em cursos de formação de profissionais envolvidos nesse importante trabalho.

TIA, CUIDADORA, MÃE: FUSÃO E DIFERENCIAÇÃO NO PROCESSO DE CONSTITUIÇÃO DA IDENTIDADE PROFISSIONAL DAS MÃES SOCIAIS.

Lima, Aline Ottoni M. N. & Costa, Lucia Helena F. M.
Instituto de Psicologia, Universidade Federal de Uberlândia-MG.

Pesquisa concluída

Neste trabalho apresentaremos parte dos resultados de uma pesquisa qualitativa que teve como objetivo compreender como as Mães Sociais significam o cotidiano no Acolhimento Institucional e suas interrelações com a identidade profissional. Pautamo-nos numa concepção materialista histórico dialética e na expressão desta na Psicologia. Importante pressuposto foi o de que o processo de constituição da identidade profissional das Mães Sociais emerge a partir de uma rede de interações pessoais e sociais articuladas que possibilitam a construção de significados múltiplos em um processo dialético. Entrevistamos individualmente duas Mães Sociais. A partir das entrevistas gravadas e transcritas foram delimitadas quatro categorias gerais: 1) história familiar; 2) o trabalho no abrigo; 3) as mães sociais e as crianças; 4) as mães sociais e os outros atores do sistema de garantia de direitos. Nossas entrevistas produziram um contexto de revisão e emergência de significados sobre a atividade “Mãe Social”. Assim, foi apreendido um movimento de fusão e diferenciação por meio de negociações dos significados mãe, tia e cuidadora denotando grande indefinição na constituição desta personagem. Em interlocução com a entrevistadora ao serem questionadas sobre o que é ser Mãe Social passaram a construir um processo de questionamento das atividades desempenhadas e das relações estabelecidas dentro e fora do Acolhimento Institucional. Percebemos o impulsionamento do movimento por uma confluência de vozes dentre as quais as das crianças abrigadas, a do próprio Acolhimento Institucional, as dos outros atores do Sistema de Garantia de Direitos e das próprias Mães Sociais. Diante disto, refletimos sobre o caráter que o trabalho das Mães Sociais assume no bojo da sociedade capitalista questionando as bases para a constituição dos vínculos entre crianças e Mães Sociais no Acolhimento Institucional. Constatamos a ausência de uma prática sistemática de preparação e acompanhamento para o exercício da função o que decorre na culpabilização das Mães Sociais pela precariedade do atendimento no acolhimento institucional. Pensamos diante de tudo o que vimos, ouvimos e vivemos que na “ponta” do Sistema, as Mães Sociais estão quase tão abandonadas quanto às famílias das crianças em Acolhimento Institucional. Propomos que sejam construídos com estas profissionais espaços coletivos de reflexão crítica sobre as práticas desenvolvidas no dia a dia, sentimentos suscitados, experiências anteriores à entrada no Acolhimento Institucional, crenças e valores sobre as famílias das crianças, bem como sobre a função do Acolhimento Institucional. Também vimos urgência de mudanças nas condições objetivas de trabalho: melhor remuneração, remanejamento da carga horária (plantão reduzido), adequação do número de crianças por profissional. Finalmente, enfatizamos que a identidade profissional não é um dado ou um produto fragmentado, um personagem isolado dos demais vividos pela pessoa em sua vida, mas sim um todo em constituição envolvida por múltiplas determinações, múltiplos papéis sociais, inseridas em um contexto sócio-histórico. Identificamos, ainda, a necessidade de mais pesquisas sobre o envolvimento de outros atores do Sistema de Garantia de Direitos e o despertar para a necessidade de um olhar sensível e contextualizado sobre os profissionais de Programas de Acolhimento Institucional.

O PROCESSO DE REINTEGRAÇÃO FAMILIAR DE CRIANÇAS DE ZERO A SEIS ANOS DE IDADE: UM ESTUDO EXPLORATÓRIO

Silva, Fernanda Lacerda & Rossetti -Ferreira, Maria Clotilde

Pesquisa em Andamento

O abrigamento de crianças e adolescentes não é um processo estático, que se dá isoladamente, mas sim, acontece em meio a uma série de circunstâncias que se apresentam interligadas entre si e com vários interlocutores e diferentes experiências. Assim, para a criança ser colocada no abrigo, ocorreu a separação desta da sua família biológica. Por algum motivo, a criança foi considerada em situação de risco bio-psico-social. Enquanto a criança permanece no abrigo, seu destino é decidido: se voltará a viver com a família biológica ou se irá para uma família adotiva. Este é um tema muito complexo, que envolve diversos atores (criança, famílias, profissionais do abrigo, e de outras instituições) e processos (abrigamento, desabrigamento, reintegração familiar, adoção). Dentre esses, a reintegração familiar ainda se configura como um processo pouco refletido e sistematizado na prática. A literatura e os documentos que falam sobre esse tema, como: o ECA (1990) e o Plano Nacional de Promoção, Defesa e Garantia do Direito de Crianças e Adolescentes à Convivência Familiar e Comunitária (2006) enfatizam a necessidade de se investir na família biológica para que seja possível a reintegração familiar, mas não quem são os responsáveis por esse trabalho e quais os recursos a serem oferecidos para e desenvolvidos com estas famílias. Por essa razão levantamos alguns questionamentos: como a reintegração familiar vem sendo feita? Quais instituições e que profissionais estão fazendo esse trabalho? Quem são essas famílias? Para onde e para quem as crianças estão retornando? Como as famílias estão sendo posicionadas pelas ações públicas e da Justiça e que papéis elas tem assumido diante do (des)abrigamento de seus filhos? Quais os recursos a serem disponibilizados para e desenvolvidos com e por estas famílias? Há um acompanhamento familiar após a reintegração e que sentidos percebemos permear tais ações? A partir destas perguntas, pretendemos investigar o processo de reintegração familiar de crianças que estiveram abrigadas nos abrigos que recebem crianças de 0 a 6 anos em Ribeirão Preto, no período de 2003 a 2010, através da caracterização das crianças e das famílias que foram reintegradas e de seu processo de reintegração. Para tanto, serão analisados processos de crianças que foram abrigadas e retornaram para a família de origem, da Comarca de Ribeirão Preto, correspondentes aos anos de 2003 a 2010. A coleta de dados será feita junto às fichas e autos na Vara da Infância e Juventude e do Idoso da Comarca de Ribeirão Preto e nos prontuários das crianças nos abrigos. A construção e análise do *Corpus* serão norteadas pelo referencial teórico-metodológico da Rede de Significações (*RedSig*). Este projeto se faz relevante na medida em que tem a possibilidade de vir a contribuir para reflexões sobre o processo de reintegração familiar, bem como, trazer elementos para a prática dos profissionais e para a implementação de políticas públicas.

REDE SOCIAL E RELACIONAMENTO ENTRE IRMÃOS: A PERSPECTIVA DA CRIANÇA EM ACOLHIMENTO INSTITUCIONAL.

Almeida, Ivy Gonçalves de & Rossetti-Ferreira, Maria Clotilde.

Pesquisa concluída

De acordo com o ECA, entidades que desenvolvem programa de abrigamento devem adotar, dentre alguns princípios, condutas que visem a preservação dos vínculos familiares e o não desmembramento de grupos de irmãos. Todo ser humano tem necessidade de estabelecer ligações afetivas e na separação ou ausência de um adulto de referência com o qual a criança já tenha estabelecido algum vínculo afetivo, é provável que ela estabeleça com seus pares, com seus irmãos este tipo de relação. Considerando que uma das principais causas de abrigamento de crianças é a negligência, causada predominantemente por dificuldades decorrentes da pobreza, pode-se esperar que quando um grupo de irmãos é abrigado, essas crianças muito provavelmente trazem consigo uma vivência que fez com que os irmãos ocupassem um lugar importante em suas vidas. Porém, há poucas pesquisas sobre o relacionamento entre irmãos em situação de abrigamento. Pautando-se na perspectiva da Rede de Significações, esta pesquisa teve como objetivo conhecer a rede social de crianças em acolhimento institucional, buscando investigar, sob a perspectiva da criança, como os irmãos e outras pessoas aparecem na rede. A pesquisa foi realizada em três abrigos, tendo sido entrevistados sete grupos de irmãos, num total de 18 crianças com idades entre de 6 a 12 anos. Foram realizados quatro encontros com cada criança, sendo que para a coleta de dados foi utilizada, como instrumento principal, uma entrevista com o intuito de conhecer quem a criança procura em determinadas situações relacionadas às funções de cuidados e atividades diárias (F1), proteção (F2), educação (F3), apoio emocional e relação afetiva (F4), e brincadeira e lazer (F5). Complementarmente, foram utilizados desenho e uma adaptação do Four Field Map. Todos os encontros contaram com material lúdico de apoio (família de bonecos e material para desenho). Para contextualizar esses dados foram entrevistados doze funcionários dos abrigos, além de serem realizadas notas de campo. A análise dos dados centrou-se, principalmente, em uma adaptação da Social Network Matrix, a qual foi montada a partir das informações coletadas através da entrevista realizada com as crianças, possibilitando análises quantitativas e qualitativas. Os resultados indicaram que a rede social das crianças é composta principalmente por pessoas do abrigo e da família. Pessoas do contexto escolar são pouco mencionadas. Os irmãos são os membros da família mais citados, principalmente no que diz respeito ao exercício das funções F2, F4 e F5. Além disso, os irmãos mais velhos e os que estão acolhidos na mesma instituição são os mais mencionados. A organização da estrutura e da rotina da instituição, pautada na faixa etária das crianças, não privilegia a manutenção ou desenvolvimento dos vínculos afetivos entre grupos de irmãos. Os resultados sinalizam a importância do relacionamento entre irmãos, bem como da proximidade entre eles para sua manutenção. Assim, apontam a necessidade dos abrigos reverem efetivamente suas concepções e práticas relacionadas ao acolhimento de grupos de irmãos. Sugerem também a necessidade dos abrigos viabilizarem formas de ampliação da rede social das crianças acolhidas institucionalmente. O papel inclusivo da escola também precisa ser revisto.

Agência Financiadora: FAPESP

A TRAJETÓRIA ESCOLAR DE CRIANÇAS ADOTADAS: A PERSPECTIVA DE PAIS E PROFESSORES.

Castro, Letícia F. R. F.; Teixeira, Sueli C. De Pauli & Rossetti-Ferreira, Maria Clotilde.
Pesquisa em andamento

Alguns estudos apontam a adoção como um fator central para o surgimento de possíveis dificuldades no desenvolvimento de crianças, sendo o baixo desempenho escolar assinalado em diversos estudos como uma resposta às possíveis dificuldades enfrentadas com o processo adotivo ou com a adoção em si. Tais questões são debatidas por outros estudos também sobre adoção, que ao tratar do assunto expõem uma visão diferente a respeito da mesma temática e enfatizam que a adoção pode não ser, isoladamente, o fator responsável para o surgimento de dificuldades escolares. Desta forma, esta concepção amplia o foco do assunto para demais fatores, não considerando apenas a adoção como responsável pelo surgimento de dificuldades no âmbito escolar. Sendo assim, esta pesquisa buscou investigar em que medida a situação de adoção estabelece limites e/ou rompe com as possibilidades no desenvolvimento de crianças, e qual o papel deste e outros elementos circunscritores no estabelecimento de possíveis “dificuldades de aprendizagem” escolares. Para isto, entrevistamos doze professores do Ensino Fundamental (3º ao 7º ano) e quatro pais adotivos (um casal e duas mães), sobre a trajetória escolar das crianças adotadas, investigando como eles interpretam a temática da adoção e da aprendizagem, apontando suas perspectivas a respeito do tema da pesquisa. Para complementarmos nosso *corpus* de pesquisa, realizamos também observações do cotidiano escolar e das interações em sala (anterior à realização das entrevistas), com o intuito de realizar um “mergulho” no ambiente em que as crianças e os professores estão inseridos. A partir disso, foi possível realizar uma investigação que relacionou as diversas ordens de elementos presentes, em níveis micro e macro, compreendendo as situações sempre de forma articulada. De acordo com os pressupostos teóricos e metodológicos da *Rede de Significações*, a adoção deve ser entendida e analisada como uma situação em meio às outras vividas pela criança, retirando o foco de atenção da mesma e estendendo-o para um conjunto de fatores intervenientes, no qual a escola e a família são componentes essenciais. Sob a ótica da *RedSig*, para compreender esse processo, é preciso levar em conta não apenas os componentes individuais da criança, como a sua condição de filho biológico ou adotivo, mas os outros componentes da rede interacional no qual a criança faz parte. Ao analisar os elementos que compõe uma situação de ensino e aprendizagem escolar procuramos mapear as diversas significações que poderiam existir nesta situação e que poderiam estar ou não contribuindo para a existência de possíveis sucessos ou “dificuldades de aprendizagem”. Deste modo, ao falar de dificuldades e sucessos escolares a maioria dos professores (dez) atribuiu a “estrutura familiar” como possuindo influência direta na aprendizagem, já os pais focalizaram suas representações em questões particulares e individuais dos filhos. Portanto, nossos resultados parciais apontaram que as dificuldades escolares e os sucessos apresentados pelos adotivos, não foram diretamente relacionados as vivências da adoção.

CRIANÇAS ACOLHIDAS INSTITUCIONALMENTE E AS PESSOAS QUE CONSIDERAM MAIS IMPORTANTES EM SUAS VIDAS.

Maehara, Nívea Passos; Almeida, Ivy Gonçalves de & Rossetti-Ferreira, Maria Clotilde.
Pesquisa concluída

As relações são fundamentais uma vez que é através delas que se dá o desenvolvimento humano. As pessoas possuem diferentes parceiros de interação à disposição e estabelecem com eles relações dialógicas, nas quais variados papéis, posições, sentidos e significados são negociados. Pode-se construir relações especiais com alguns destes parceiros, tornando-os figuras de referência, o que é essencial para um desenvolvimento saudável. Em situações de vulnerabilidade, como no caso de crianças em acolhimento institucional, torna-se primordial poder contar com pessoas que lhes são importantes afetivamente e que possam oferecer algum tipo de apoio e suporte. Tendo isso em vista, o objetivo deste trabalho é conhecer quem são as pessoas que as crianças institucionalizadas consideram mais importantes em suas vidas. A base teórico-metodológica adotada foi a perspectiva da Rede de Significações. Participaram da pesquisa oito crianças, com idades entre sete e doze anos, acolhidas em uma instituição pública da cidade de Ribeirão Preto (SP) há no mínimo cinco meses. Os dados foram coletados durante um encontro individual com a pesquisadora, no qual cada criança desenhou as pessoas que consideravam mais importantes em sua vida. Estes dados são um recorte de um trabalho mais amplo de Iniciação Científica. Encontrou-se que os membros da família foram os que mais apareceram, em especial os irmãos (12 vezes) e a mãe (3 vezes). Os participantes também desenharam a si próprios, o pai, o padrasto, a avó, a pesquisadora, Deus e pessoas da família substituta. Apenas duas pessoas do abrigo foram desenhadas e um dado que chamou a atenção é o de que nenhuma pessoa da escola foi desenhada. De acordo com os dados do livro de registros, nenhuma visita às crianças que participaram da pesquisa foi registrada durante o período pesquisado. Esta aparente falta de contato das crianças com sua família de origem pode indicar que a instituição pesquisada tem falhado em promover medidas de promoção e manutenção dos vínculos familiares, medida esta preconizada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Contudo, os dados mostram que as crianças institucionalizadas consideram as pessoas de sua família como as mais importantes apesar de terem pouco contato com elas enquanto estão acolhidas na instituição, o que sugere que o vínculo da criança com sua família se mantém apesar de não haver um contato cotidiano com os mesmos. Cabe lembrar, também, que o acolhimento institucional é uma medida provisória e que o objetivo principal deve ser a reintegração familiar. Ademais, diante da ausência de pessoas da escola desenhadas, entendemos que é imperativo que a escola se torne um contexto mais significativo e participativo na vida destas crianças, já que é um importante contexto de desenvolvimento na infância.

Agência Financiadora: FAPESP

3. EIXO TEMÁTICO: INCLUSÃO SOCIAL E ESCOLAR DE PESSOAS COM NECESSIDADES EDUCACIONAIS ESPECIAIS

DOUTORADO

ALUNOS COM DEFICIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: RECORTES DE UMA REALIDADE.

Tinós, Lúcia Maria Santos; Denari, Fátima Elisabeth & Amorim, Kátia de Souza.

Universidade Federal de São Carlos

Pesquisa concluída

Nas últimas décadas, temos tido avanços na legislação (Constituição Federal de 1988; na Lei de Diretrizes e Bases de 1996, entre outros) na busca por garantir o direito a uma educação de qualidade, com base no princípio de uma Educação Inclusiva. No entanto, pesquisas indicam que a Educação de Jovens e Adultos (EJA) tem sido usada, de forma crescente, como recurso educacional por pessoas com deficiências. Com isso, fica a questão de como vem sendo garantido e efetivado o serviço escolar – Especial ou Regular – para essa população. Assim, o objetivo desta pesquisa é o de compreender as trajetórias escolares dos alunos com deficiência que estão na EJA e, assim, melhor compreender e (re)significar os diferentes serviços educacionais por estes vivenciados, inclusive a própria EJA. Para tal, buscou-se através de entrevistas com duas jovens com deficiências, matriculadas na EJA, e suas mães, dados para entendimento do fenômeno pesquisado. As análises das transcrições das entrevistas aconteceram com base em entendimentos fenomenológicos, tendo por princípio as unidades de significados propostas por Giorgi (1985) para desvelar os entendimentos e significados das percepções de cada um em um mundo de interpretações do contexto vivido. Como resultados, foram reveladas três temáticas gerais que compõem as trajetórias escolares reconstruídas. A primeira trata de suas histórias, marcadas pela necessidade de superação de diagnósticos e rótulos que definiram as escolhas e os percursos em suas vidas, inclusive os escolares. A segunda temática engloba os caminhos que levaram a EJA, particularmente os serviços educacionais que compuseram estas trajetórias educacionais. Nesta temática foi possível identificar histórias de exclusão vivenciadas em diferentes serviços educacionais (Educação Regular e Educação Especial) e também nas diferentes modalidades de ensino (Educação Infantil; Ensino Fundamental, Ensino Médio. EJA, entre outros), que envolvem falta de credibilidade na capacidade dessas pessoas, descaso em relação ao tempo em que cada uma ficava em determinado serviço educacional sem nenhum resultado; falta de planejamento e de estratégias de ensino por parte de professores para atender as necessidades dessas alunas; construção de olhares preconceituosos das instituições e das pessoas perante as mesmas; e, a não certificação nos diferentes serviços vivenciados. Por fim, foi encontrada a temática sobre a EJA nestas trajetórias. Nesta última temática, pode-se confirmar como essa modalidade de educação vem se configurando como uma alternativa educacional ao mesmo tempo em que essa modalidade de ensino não foi pensada para atender esta demanda da população. Em contrapartida, foi revelado o sentimento de aceitação por parte do alunado da EJA para com as participantes, ao mesmo tempo em que as mesmas criaram um sentimento de pertencimento a EJA. Também, foi mostrado como a EJA vem propiciando um tratamento focado nas deficiências e mesmo infantilizado, apesar de levar as participantes ao mundo adulto e social quando apresenta questões do trabalho. Verifica-se, nestas trajetórias, que os avanços na legislação, referentes à garantia do direito à educação de qualidade, e neste caso para com os alunos com deficiência, ainda precisam ser efetivados com seriedade e com qualidade e que a EJA, apesar de também não garantir totalmente este direito, ao menos passem a tratar essa população, como pessoas de direito.

CENSO ESCOLAR DA EDUCAÇÃO ESPECIAL NO ENSINO PÚBLICO ESTADUAL EM UM MUNICÍPIO DE MÉDIO PORTE DO INTERIOR PAULISTA.

Souza, Patrícia Moreira & Amorim, Katia de Souza

Pesquisa em andamento

Em decorrência de entrelaçados movimentos nacionais e internacionais, particularmente nas décadas de 80-90, surge a proposta da educação inclusiva (Declaração Mundial sobre Educação para Todos e Declaração de Salamanca). Aquela representa uma nova mudança de paradigma na forma de conceber e educar todos(as) os(as) alunos(as) em sua diversidade. Fruto desses movimentos, a CF/88 e a LDB (9.394/96) instituíram a garantia de “atendimento educacional especializado aos portadores de deficiência, preferencialmente na rede regular de ensino”. Considerando isso, esta pesquisa objetivou verificar, através do censo da Educação Especial das escolas públicas estaduais de um município de médio porte no interior paulista, como vem se dando o processo da inclusão escolar, nos últimos anos (1998 – 2009). Especificamente visou identificar: a) o número de alunos(as) com necessidades educacionais especiais incluídos(as) no ensino regular (ensino fundamental e médio); b) o número de alunos(as) nas classes especiais; c) se frequentavam a sala de recurso; d) a idade; e) o gênero; f) os diagnósticos; g) o nível de ensino e a série. O material empírico foi obtido através da pesquisa documental na Diretoria de Ensino, especificamente através dos registros escolares dos(as) alunos(as) incluídos(as) no ensino regular. Os dados foram organizados e quantificados através da construção de Banco de Dados (Access) elaborado para essa pesquisa. A análise dos dados tem sido quantitativa e qualitativa, usando-se como base o referencial teórico-metodológico da *RedSig*. Os resultados preliminares indicam 4129 matrículas na educação especial no período investigado (MEC/INEP) com um aumento de cerca 50% em 2003 e 2006, e 76,7% em 2007. No entanto, vale ressaltar a ocorrência de várias dificuldades ao coletar os dados, como a não padronização dos documentos, lacunas no registro destes e até ausência deles em determinados períodos. Assim, nesta apresentação, serão abordados os resultados de 2008 e 2009. Quanto os diagnósticos: a maioria (52,9%) apresenta deficiência mental; 12% distúrbios globais do desenvolvimento autista e psicótico; 8,5% deficiência visual; 8% deficiência auditiva; 5,8% deficiência física; 0,6% altas habilidades ou superdotação; e, em 2009, 26,3% apresentaram condutas típicas. Ainda verificou-se que, do total de 836 matrículas, a maioria (84%) estava incluída no ensino regular e 16% ainda frequentavam classe especial. Quanto ao tipo de atendimento, 14% frequentaram as salas de recursos; 3% receberam o apoio do professor itinerante e em 83% não havia informações sobre apoio pedagógico. Em relação ao gênero, há predomínio do sexo masculino (80%). Quanto à idade, 48% dos alunos têm entre 6 e 10 anos. Em relação ao nível de ensino, a maioria (52%) concentra-se nas séries iniciais do ensino fundamental, mais de 20% nas séries finais e uma minoria (6,2% e 11,1%) no ensino médio. Podemos inferir que, apesar do aumento das matrículas na educação especial, esta representa menos de 1% do total de matrícula no ensino regular (681.608), indicando um inexpressivo número de crianças ou jovens com deficiência incluídos efetivamente no ensino regular. Além disso, em função dos resultados quanto à idade, série e suporte pedagógico, problematizamos se a permanência daqueles que ingressam e a qualidade do ensino oferecido têm sido garantidos.

10 ANOS DE INCLUSÃO ESCOLAR DE CRIANÇAS COM NECESSIDADES ESPECIAIS EM RIBEIRÃO PRETO: MAPEAMENTO DA EDUCAÇÃO ESPECIAL E INCLUSIVA NA REDE PRIVADA DE ENSINO

Morelli, Carla P. & Amorim, Katia de Souza

Pesquisa concluída

Este trabalho teve como objetivo geral realizar um censo de modo a se investigar *se e como* a rede privada de ensino vem recebendo crianças com necessidades educacionais especiais em suas classes regulares, nos últimos 10 anos. O objetivo específico foi identificar se houve ou não matrícula e incremento no número de alunos incluídos; e, ainda, quais são os perfis das crianças incluídas, verificando o tipo de deficiência, o tempo de permanência e a obtenção da certificação. A idéia base foi verificar se vem ocorrendo transformações em relação à inclusão de crianças com necessidades especiais, nos últimos 10 anos, a partir da LDB/96, verificando se tem ocorrido o reflexo das políticas nacionais de inclusão junto às práticas das escolas particulares. A análise dos dados foi, por um lado, quantitativa, através da análise geral do censo, além do cruzamento entre as informações (como idade versus diagnóstico versus série); ainda, foi feita análise qualitativa dos dados, partindo-se da perspectiva da *RedSig*, de modo a apreendermos as significações presentes, considerando a complexidade da situação e dos resultados. Após contato telefônico com as 175 instituições do Banco de Dados da Pref. Municipal, verificamos que 109 destas escolas já tiveram ou têm matriculados crianças e jovens com necessidades educacionais especiais. Destas 109 escolas, selecionamos 35 para a coleta dos dados pessoalmente. Essas escolas foram selecionadas por serem maiores, mais tradicionais na cidade ou ainda por terem história reconhecida de atuação inclusiva. Para as demais 74, após o contato telefônico, enviamos pelo correio instrumento (questionário) a ser preenchido pela própria instituição. Obtivemos os resultados finais em 15 escolas, relativos a 826 registros de matrícula, referentes a 176 alunos. Pudemos observar mudança concreta na inclusão, já que houve grande aumento em relação aos números de matrículas em 1998 e 2008 (de 18 a 110 registros, respectivamente). Há uma maior presença do gênero masculino (60,8% versus 39,2% de sexo feminino) e um grande número de alunos com diagnósticos de deficiência mental e Síndrome de Down (33,5%). Observou-se também que o tempo de permanência dos alunos com necessidades especiais nas escolas particulares é maior do que o observado nas escolas municipais (52% ficam 4 anos ou mais), apesar de que ainda sua maioria (65%) se encontra na educação infantil e nos primeiros anos do ensino fundamental. Do conjunto, 6% dos alunos estão em classes especiais. Diferentemente da rede pública de ensino, verificamos ainda um grande número de alunos que se certificaram no Ensino Fundamental (18%). Baseando nos dados apresentados, verificamos que, nas escolas investigadas, a inclusão é crescente, além de vir garantindo maior permanência e certificação, pelo menos no ensino fundamental. Podemos supor que, quando a escola apresenta um projeto pedagógico mais estruturado para lidar com as diferenças, e/ou uma melhor formação de professores, isso pode refletir na condição do aluno na escola.

Agência Financiadora: PIBIC 2008/2009.

A DINÂMICA DA RELAÇÃO MÃE-CRIANÇA E A QUESTÃO DA SUPERPROTEÇÃO, EM SITUAÇÃO DE FILHO COM EPILEPSIA: REVISÃO BIBLIOGRÁFICA NACIONAL E INTERNACIONAL

Campos, Cristiane Rosa & Amorim, Katia de Souza

Pesquisa em andamento

A epilepsia é considerada como o distúrbio cerebral neurológico crônico mais frequente na infância. Muitos autores têm indicado que, em função das suas implicações, no tratamento, deve-se levar em conta aspectos relacionados tanto ao espectro clínico quanto aos psicossociais. Dentre vários aspectos relacionados a estes últimos, estudos quantitativos apontam à superproteção dos familiares como elemento fortemente circunscritor das possibilidades e limites de ação com a criança com epilepsia e da sua participação social. Assim, traçou-se o objetivo de realizar pesquisa qualitativa, com estudos de casos múltiplos, na perspectiva de mães, buscando apreender como se dá a dinâmica da relação mãe-criança, quando esta última tem epilepsia. A meta é averiguar, na dinâmica dessa relação, se e como se dá a superproteção. Os sujeitos serão selecionados aleatoriamente, em ambulatório neurológico especializado. Como critérios de inclusão, definiu-se por quatro crianças com epilepsia, sem controle de crises, com no mínimo dois anos de diagnóstico e sem síndromes associadas. A partir das crianças, suas mães serão convidadas a participar da pesquisa. Será feita entrevista semi-estruturada, no domicílio da família. As entrevistas terão análise qualitativa, a partir da perspectiva da Rede de Significações. O estudo empírico não foi iniciado ainda, pois o projeto se encontrava em análise pelo Comitê de Ética em Pesquisa. Ele foi recém-aprovado e, atualmente, se está em busca dos sujeitos dos estudos de caso. Para o presente trabalho, primeiramente, fez-se ampla revisão bibliográfica nacional (base Scielo) e, atualmente, está sendo finalizada revisão internacional (base Psycinfo e Medline). Na revisão nacional, verificou-se que, no estudo sobre a epilepsia, poucos são os estudos que apontam à qualidade de vida da criança com epilepsia e ao estigma presente nas suas relações. Dos 421 artigos, 400 tratavam de aspectos clínicos neurológicos da doença, dos tipos de epilepsia e do tratamento (medicação/cirurgia). Constatou-se, então, escassez de artigos relacionados aos aspectos psicossociais. Estes últimos abordam qualidade de vida, estigma, percepção de professores sobre a epilepsia, variáveis psicológicas de familiares / crianças e procedimento educativo. Estudos ainda apontam a crenças e sentimentos dos pais, como mágoa, medo, susto, tristeza e rejeição, associados à superproteção e a problemas de limites à criança. Todos estudos foram conduzidos por metodologia quantitativa (questionários, testes, inventários, escalas). Na revisão internacional, há maior quantidade de artigos abordando diferentes temáticas que discutem a correlação da superproteção com alguns aspectos como ansiedade dos pais, diagnóstico recente, desempenho escolar / atitudes dos professores e agressividade (estereótipo) das crianças. De forma similar à revisão nacional, a maioria dos estudos foram conduzidos por metodologia quantitativa (aplicação de escalas, questionários e inventários), à exceção de quatro deles que utilizaram metodologia qualitativa (entrevistas semi-estruturadas). Neles, a superproteção é avaliada predominantemente como algo que permeia as relações, através de diferentes correlações de variáveis. Tais perspectivas indicam que o presente estudo, a partir de análise qualitativa poderá contribuir para aprofundar elementos desse objeto de investigação.

Agência Financiadora: PIBIC 2008/2009, FAPESP

4. EIXO TEMÁTICO: COMUNICAÇÃO, LINGUAGEM E RELAÇÕES, NO PRIMEIRO ANO DE VIDA

MESTRADO

ABREVIÇÃO DE SIGNIFICAÇÕES, EM RELAÇÕES DE BEBÊS COM SEUS PARES DE IDADE

Costa, Carolina Alexandre & Amorim, Katia de Souza

Pesquisa em Andamento

Considerando processos interativos no primeiro ano de vida, utilizou-se no trabalho de iniciação científica da investigadora do atual projeto, o modelo denominado Estabelecimento, Extensão e Abreviação (EEA). A abreviação seria um processo decorrente de sucessivas atividades anteriores de recorte efetuadas pela díade (no estabelecimento e na extensão). Naquele trabalho, cujos sujeitos tinham entre nove e onze meses de idade, verificou-se que este processo de abreviação também se dava na relação do bebê com o coetâneo. De forma que, passaram a ocorrer trocas de curta duração, com ajustamento mútuo e fácil entre os bebês. Despontaram indícios de situações interativas e comunicativas em que não só o foco de atenção/comunicação dos bebês era abreviado, como também ocorria a abreviação de significações. Esses indícios foram relacionados aos trabalhos preliminarmente desenvolvidos por outros pesquisadores, no estudo de interação entre pares de crianças mais velhas. A abreviação de significações é entendida como um processo no qual o bebê, primeiramente, atribui um significado compartilhado na relação com outros bebês para uma informação visual e/ou comunicativa, a um objeto, a uma ação/expressão ou um conjunto de ações/expressões próprias ou de outros bebês/pessoas. E, após algum tempo, o bebê reconhece e compartilha rapidamente desse significado com o outro (parceiro de interação). Desta forma, objetivou-se investigar se o processo de abreviação de significações ocorre também ao longo do primeiro ano de vida, em relações de bebês com seus pares de idade. E, no caso de ocorrerem, investigar como se dá processo de abreviação das significações. Os registros utilizados serão gravações em DVD realizadas em uma creche pública, do interior do Estado de São Paulo. Os sujeitos são cinco bebês como sujeitos pivôs, com idade entre 4 e 14 meses, que foram escolhidos por sorteio. Além destes, serão selecionados dois parceiros preferenciais para cada sujeito-pivô. A seleção destes parceiros ocorrerá pelos seguintes critérios: apresentem episódios interativos em quantidade suficiente para realizar a análise ao longo dos três meses de gravação. E que estes episódios apresentem também, certa complexidade que permitam uma análise mais refinada dos processos de significações. Do Banco de Imagens, serão selecionadas todas as cenas em que os sujeitos-pivôs aparecerem, compondo, assim, um bloco de imagens editadas seguindo o tempo cronológico dos acontecimentos. O *corpus* será construído a partir da transcrição microgenética dos episódios interativos selecionados dos sub-blocos. A análise das cenas será microgenética, tendo a *Rede de Significações* como base. A meta é apreender as mudanças nas relações e em especial sobre o processo de abreviação de significados entre os bebês no primeiro ano de vida e seus coetâneos.

Agência Financiadora: CAPES e FAPESP

OS MODOS DE RELAÇÕES E A CO-CONSTRUÇÃO DOS RECURSOS COMUNICATIVOS EM BEBÊS QUE VIVEM EM DIFERENTES CONTEXTOS DE ACOLHIMENTO.

Moura, Gabriella Garcia & Amorim, Kátia de Souza

Redação de Projeto

As medidas de acolhimento são definidas pelo ECA (1990) como entidades de atendimento cujos serviços prestados visam prevenir ou acolher, provisoriamente, crianças e adolescentes cujos direitos fundamentais tenham sido violados. Teria como função ser um local de transição até que essa criança seja encaminhada para família substituta ou volte para sua família de origem. Diante de tal universo, levantamos algumas questões: é possível que diferentes modalidades de acolhimento, e o conseqüente modo como estes ambientes se organizam e significam as crianças e suas relações, possam despertar particularidades na co-construção de relações adulto-crianças? Especificamente, como o bebê se relaciona *com* e se desenvolve *neste* ambiente? Partindo dos pressupostos interacionistas de desenvolvimento, isto é, considerando a constituição subjetiva a partir das relações dialógicas estabelecidas com o outro/ambiente, num processo ativo e dialético, a presente pesquisa visa investigar, em duas diferentes modalidades de acolhimento – Casa Abrigo e Família Acolhedora -, os modos de construção das relações de bebês com os adultos cuidadores. A meta é focalizar o diálogo entre eles e os recursos comunicativos utilizados na dinâmica das relações estabelecidas. Considerando que tais reflexões e questionamentos implicam a investigação de fenômenos sociais complexos, envolvendo aspectos individuais, organizacionais, estruturais, grupais, entre outros, optamos por uma metodologia que apreendesse a complexidade, sem perder o aspecto processual, qual seja, estudos de caso múltiplos. Em cada modalidade de acolhimento, serão acompanhados dois bebês, com faixa etária entre 5 e 10 meses. A principal via de coleta de dados será gravações de vídeos naqueles contextos. Essas serão feitas, semanalmente, por três meses. Aliados a esse procedimento, também serão realizadas análises documentais e entrevistas, sendo que tais instrumentos metodológicos nos permitirão compreender quais os sentidos e significados de acolhimento que estão imersos tanto no cenário macropolítico (por meio das normatizações e legislações), como micropolítico (concepções correntes no cotidiano das duas modalidades de acolhimento). Ajudarão, portanto, a atribuir significados a elementos presentes nas videograções. A análise dos dados coletados será realizada a partir da concepção histórico-cultural de desenvolvimento humano, que pensa a constituição da subjetividade numa perspectiva relacional e o universo semiótico como mediador desse processo – particularmente, a perspectiva da *Rede de Significações* será utilizada enquanto instrumental teórico-metodológico. A análise será microgenética, a fim de compreender as (trans)formações ocorridas nas formas de se relacionar e se comunicar dos bebês. O projeto é parte de um grupo de estudos que investiga o desenvolvimento nos dois primeiros anos de vida. Além da contribuição teórica a respeito de desenvolvimento de bebês, este trabalho poderá contribuir para construir conhecimento que sirva de suporte para atividades de formação de pessoal que atua em programas sociais de acolhimento.

O ESTABELECIMENTO DA ATENÇÃO CONJUNTA, EM PROCESSOS INTERATIVOS DESENVOLVIMENTAIS: ESTUDOS DE CASO COM BEBÊ VIDENTE E CEGO OU COM DEFICIÊNCIA VISUAL SEVERA

Colus, Kátia M. & Amorim, Kátia de Souza

Pesquisa em andamento

A Organização Mundial de Saúde refere que em todo o mundo, anualmente, 500 mil crianças ficam cegas, devido a uma série de complicações, entre as quais a mais frequente é a retinopatia da prematuridade, tanto em países desenvolvidos quanto em países em desenvolvimento. No Brasil, cem mil crianças ficam cegas, a cada ano, devido à carência de vitamina A. Percebe-se, entretanto, no campo da psicologia, que a maioria dos trabalhos a respeito do desenvolvimento humano leva em conta basicamente a criança sem perturbações e/ou dificuldades quanto à questão da visão. Neste sentido, a capacidade de atenção conjunta, como dado eminentemente visual, tem sido considerada como crucialmente importante para o desenvolvimento da capacidade interativa do bebê. A atenção conjunta refere-se a comportamentos como olhar na direção do olhar do outro, observar a face do outro, mostrar e compartilhar objetos com outros, os quais são fundamentais para estabelecer um conjunto de dimensões básicas do desenvolvimento cognitivo, social e afetivo da criança. Para Vygotsky, a habilidade para focalizar a própria atenção é um determinante essencial do sucesso ou não de qualquer operação prática, pois a criança deve olhar para poder ver. Episódios de atenção conjunta, portanto, podem ser denominados de episódios de atenção visual conjunta. Entretanto, como se poderia pensar esses processos de desenvolvimento, em crianças cegas ou com deficiência visual severa? Como considerar os processos desenvolvimentais para toda esta parcela da população que se encontra em condições diferenciadas? Sem a visão, essa apreensão do mundo através do estabelecimento dos processos de atenção –visual- conjunta estariam prejudicados? A meta desta pesquisa é investigar como se dá a interação entre o bebê cego ou com deficiência visual severa e os adultos em seu entorno, a partir da seleção de episódios marcados pela construção, estabelecimento e manutenção da atenção conjunta, tanto da parte dos bebês quanto dos parceiros circundantes, utilizando-se de um estudo de casos múltiplos-exploratórios, trabalhados de forma não comparativa e preservando as características do ambiente natural em que os bebês e suas famílias se encontram. São sujeitos participantes, portanto, dois bebês em seu primeiro ano de vida e suas famílias videntes, sendo um deles cego ou com deficiência visual severa e o segundo, um bebê vidente. Utilizar-se-á a perspectiva sócio-interacionista para a compreensão dos processos desenvolvimentais que ocorrem nestas situações. A coleta dos dados será feita através de videogravações, as quais serão posteriormente transcritas. Para a análise dos dados obtidos, a abordagem microgenética será considerada, com o aporte metodológico da Rede de Significações funcionando como proposta privilegiada e possibilitadora da compreensão destes dados.

A EMERGÊNCIA DE UMA UNIDADE DE ANÁLISE PARA O ESTUDO DA (TRANS)FORMAÇÃO DA COMUNICAÇÃO NO BEBÊ

Rodrigues, Luciana Aparecida & Amorim, Katia de Souza

Pesquisa em andamento

Revisão na literatura científica tem indicado a presença, no bebê, de amplo repertório para estabelecimento e manutenção da interação social, bem como da capacidade do parceiro em reconhecer suas necessidades e preferências e responder a seus meios de expressão. Tem-se discutido que essa capacidade é central para a construção das trocas dialógicas com o bebê. Diferentes formas têm sido sinalizadas como compondo essas trocas (contato olho-a-olho, sorrisos, gestos, expressões faciais, etc), bem como foram analisadas a partir das transformações nos meses iniciais de vida do bebê. Contudo, nessas análises, usualmente não está compreendida a microgênese das transformações. Diante disso, investigamos os processos de (trans)formação das formas de comunicação do bebê, ao longo do primeiro ano de vida, elucidando uma unidade de análise que apreenda o caráter processual da comunicação do bebê. Estruturamos a pesquisa através de estudo de caso, longitudinal, acompanhando a bebê Marina. O registro foi feito em vídeo-gravações, de uma hora contínua, preponderantemente no ambiente doméstico. Nos seis primeiros meses, as gravações foram semanais e, nos subseqüentes, quinzenais. Transcrevemos *microgeneticamente* as cenas e realizamos uma *análise microgenética* de episódios selecionados. Amparamo-nos na *RedSig* para a coleta e análise dos dados. Do conjunto coletado, discutiremos uma interação, ocorrida na metade do segundo mês da menina. Marina está sentada no colo do pai (Pedro). Seu semblante não apresenta linha de expressão; movimenta apenas vagarosamente os lábios. Seus olhos não estão fixos em nada. Enquanto isso, Pedro conversa com ela num tom afetivo; tenta chamar-lhe a atenção, falando: “Ô, Marina! Olha pro papai!”, apertando-lhe a bochecha e estralando os dedos na altura de seus olhos. Após uns minutos, ela regurgita leite, ao que ele reposiciona-a no colo, ficando de frente um ao outro. Ele volta a conversar, olhando-a, enquanto ela mantém um olhar muito atento, dotado de um brilho atraente, com expressão de curiosidade (por 30 segundos contínuos). Pedro sorrindo diz “O que você tá olhando?”. Ela emite: “Uh”; ele ri imitando-a “Uh... uh...”. Ela imediatamente abre um largo sorriso por 7 segundos. Temos assim elementos para discutir as transformações das formas de comunicação num curto período. Destacamos o modo de Marina expressar-se inicialmente, apresentando um olhar que não se volta às tentativas do pai em chamar atenção. Facilitado pelo contato face-a-face, esse olhar transforma-se completamente, constituindo-se como uma modalidade de comunicação visual entre eles. Pedro reconhece essa forma de comunicação, transmitindo um sentimento de satisfação; fala carinhosamente com ela, sugerindo-nos ter sido contagiado emocionalmente pelo impacto de ter a atenção da filha. Imita alegremente seu enunciado e sorri como se quisesse manter essa troca. Essa mímica vocal e a expressão dessa forma comunicativa-afetiva parecem suscitar uma reação amistosa, que atrai a menina, mantendo-a na ação conjunta. Emitindo duradouro sorriso, Marina parece ter sido contagiada emocionalmente pelo pai; no final, é mais participativa. Nessa situação, com a *emoção* contagiando os parceiros para a manutenção na ação conjunta e possibilitando a emergência de formas de comunicação, sinalizamos-na como uma possível unidade de análise para discutir as (trans)formações da comunicação no primeiro ano.

Agência Financiadora: FAPESP

ESTUDO DOS PROCESSOS DE COMUNICAÇÃO NÃO VERBAL, EM UM BEBÊ SURDO, DURANTE EPISÓDIOS DE BRINCADEIRA

Manaia, Maria Manuela & Amorim, Katia de Souza.

Pesquisa em Andamento

A partir de uma releitura da literatura verificou-se que existem poucas informações sobre os processos de comunicação não verbal em bebês com surdez. Assim, esta pesquisa tem objetivo, a partir de um estudo de caso, investigar o processo de comunicação e linguagem na relação entre um bebê surdo com parceiro específico, em episódios de brincadeira. A meta é investigar como o bebê apreende e significa seu estar no mundo, apesar de não se utilizar da linguagem verbal (embora atravessada por ela). A escolha por episódios de brincadeiras se deu pois, segundo Bruner, aquela serve, entre outras funções, como veículo de aquisição da linguagem, em que a criança aprende a sinalizar e reconhecer sinais e expectativas. A estrutura inicial da linguagem, com suas regras, poderia ser vista como uma extensão da estrutura presente na interação lúdica, com suas regularidades e padrões. O sujeito pivô do estudo é o bebê Danilo (13 meses) com surdez congênita. A partir dele, elegeu-se o parceiro de interação – sua avó – que é a pessoa responsável pela guarda e por seus cuidados cotidianos. O material empírico foi obtido do projeto *A Constituição de Sujeitos da Linguagem, em Bebês Com e Sem Deficiência Auditiva*. O banco de imagens é referente ao acompanhamento, por seis meses consecutivos: do bebê realizando suas atividades cotidianas, na sua casa com a presença de seus familiares. A partir das cenas gravadas, serão selecionados episódios de brincadeira entre o bebê e sua avó. A análise será microgenética, centrada no processo psicológico de comunicação e de apreensão da linguagem em seu curso de (trans)formação. Toda a coleta e análise de dados serão conduzidas tendo por base a perspectiva teórico-metodológica da Rede de Significações, de modo a apreender a complexidade e dinâmica dos processos analisados. Aqui será apresentado um episódio: em uma cena, a sua avó dá banho em Danilo. Nesse momento, ela começa a cantar e conversar com o neto. Enquanto a avó canta, ele sorri, balbucia, olha para ela. Quando a avó pára de cantar, ele grita e coloca a língua para fora, virando o rosto em direção à mesma. Quando o banho é finalizado, ele joga o tronco para trás e está com o rosto contraído e fechado. Segundo a avó, esses comportamentos do bebê indicam que ele pede para ela continuar a cantar. Essa cena específica mostra que o interlocutor atribui significado ao comportamento não verbal do bebê, e eles dialogam mesmo sem o uso da linguagem verbal por parte do bebê. A avó, através do comportamento não verbal do seu neto, entende que ele quer que ela continue cantando e por isso na cena seguinte volta a cantar. Essa avó faz o uso da forma da linguagem verbal e apesar do bebê não ouvi-la ele se faz entender a partir dessa forma de comunicação. É interessante pensar que apesar do bebê não ouvir a sua avó, é importante ela conversar com ele pois é uma maneira de transmitir e ele formas de linguagem e aspectos culturais.

Agência Financiadora: PIBIC 2009/2010

SIGNIFICAÇÃO E CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO, NO PRIMEIRO ANO DE VIDA, EM CRECHE - “CUIDANDO OU TOMANDO CUIDADO”: UM ESTUDO DE CASO SOBRE UM BEBÊ MORDEDOR.

Saullo , Rosaria Fernanda Magrin & Amorim, Kátia de Souza

Pesquisa em andamento

Contextualizando-nos em uma sociedade cuja dinamicidade levou o casal parental ao mercado de trabalho, acarretando numa valorização de espaços como o das instituições de educação infantil, um olhar mais atento às interações e processos que ocorrem neste ambiente se faz necessário. O bebê, antes reservado ao convívio familiar, amplia suas possibilidades de interação, e uma comunicação, ainda que não verbal, parece se fazer presente. Com isso, definiu-se por conduzir este estudo de caso, visando analisar processos dialógicos de interação e comunicação do bebê, de modo a verificar diferentes formas de apreensão/expressão sócias, além do verbal (apesar de atravessadas por ele), permitindo uma maior compreensão do processo de mediação e constituição do sujeito no primeiro ano de vida. O material empírico foi obtido do Banco de imagens do Projeto Integrado *Processos de Adaptação de bebês à creche*, que acompanhou, por vídeogravações, 21 bebês em creche universitária. Dentre os bebês, de modo a trabalhar com uma situação de crise, o que possibilitaria que aspectos do processo tivessem maior visibilidade, escolhemos Vitor (nome fictício) um bebê mordedor. As cenas específicas de Vitor (5,5 horas) vêm sendo vistas, sendo transcritas microgeneticamente, de modo a descrever os movimentos do conjunto dos participantes e suas comunicações verbais e não-verbais. A análise é microgenética, de modo a apreender a gênese e transformação dos processos, sendo também utilizados os conceitos de *campo interativo* e *corporeidade*. A análise geral é feita com base na perspectiva da *Rede de Significações*. Para esta apresentação, serão trazidas duas cenas, em que há uma similaridade quanto à ação dos bebês envolvidos, ao mesmo tempo em que se observa reação antagônica dos adultos presentes. Na primeira cena, no 4º. dia na creche, frente a uma aproximação de Vitor e outra criança, os adultos à volta sorriem e promovem o encontro. Porém, desde o ingresso na creche, Vitor mostrou-se um pouco brusco, com atitudes consideradas mais agressivas, gradualmente, o comportamento mordedor, pouco freqüente inicialmente, intensificou-se. Assim, na segunda cena, três meses depois, ao ver Vitor se sentando ao lado de outra criança, uma educadora chama “Viiiiitor!”, rapidamente afastando a outra criança e colocando-o longe de Vitor, que fica exatamente onde estava. Neste conjunto, a um mesmo comportamento de aproximação e toque da criança, são atribuídos diferentes significações, de acordo com o contexto vivido. Na primeira cena, entende-se uma comunicação não verbal carinhosa, sendo valorizada, mais ainda já que mães e educadoras buscavam promover os novos vínculos naquele espaço. No segundo recorte, frente ao contexto de um comportamento considerado agressivo por Vitor, constrói-se a idéia de “tomar cuidado” frente “àquele bebê maior”, “o que morde”. Co-constrói-se e sobressai-se, então, um papel da criança como de um agressor, de quem se deveria ter distanciamento. Como comentários parciais, observa-se uma apreensão por estes bebês, particularmente por Vitor, do seu papel de mordedor, apreensão esta observável através de olhares, choros e outros comportamentos, além de precaução à sua aproximação, que nos motivam a olhar mais à fundo a forma de comunicação que se constitui. Agência Financiadora: FAPESP

DESEJO E NEGATIVIDADE NA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY

Oliveira, Vitor Hugo & Furlan, Reinaldo

Pesquisa em andamento

Em suas últimas obras, Merleau-Ponty empreende uma “reabilitação ontológica do Sensível”, buscando compreender a experiência primordial de contato com o mundo, salientando o papel do corpo no seu contato carnal com as coisas e com o outro, na qual sua dimensão libidinal ganha destaque. A presente pesquisa busca delinear a relação que o filósofo realiza entre os conceitos de desejo e de negatividade, realizando para isso uma análise bibliográfica da obra merleau-pontyana, com destaque para suas últimas obras, levando em consideração a crítica realizada pelo filósofo a teoria freudiana, na releitura conceitual que realiza a partir de sua renovação ontológica da experiência sensível. Em “O Visível e o Invisível” (1964/1971), o filósofo descreve a subjetividade como campo, no qual a emergência de sentido se dá por diferenciações no tecido do Ser, descrição que supera não só as dualidades cartesianas entre sujeito e objeto, corpo e alma, que culminam nos prejuízos das concepções empiristas e idealistas da psicologia, como também a dualidade entre um Em-si positivo e impenetrável e um Para-si como nada absoluto, concepções pertencentes à filosofia sartreana. O negativo aí é integrado ao Ser, não como vazio, mas um oco, diferenciação e estrutura do Ser, que determina a emergência de sentido. A teoria freudiana é destacada por Merleau-Ponty, enquanto possuidora de uma atitude inicial voltada para a compreensão de um sentido vivido, individual, apesar de se inspirar em um modelo científico na sua concepção de aparelho psíquico. Nesse contexto, o corpo, enquanto carne, encontra-se imbricado ao mundo e ao outro, já que ele é tanto visível no mundo quanto vidente dele. Há assim um vazio do corpo, seu “impercebido”, sua abertura ao mundo que por isso mesmo deve ser invisível. Na própria relação do corpo com o mundo já se encontra implicada a existência do outro, não como um corpo-objeto, mas como possuidor de uma consciência e habitado por uma percepção. Dessa forma, o esquema corporal, que é a forma com a qual o corpo se relaciona com o mundo e com o outro, já é libidinal, ou seja, inclui o desejo como relação de introjeção e projeção das coisas, dos outros e das próprias partes do corpo. Cabe então a presente pesquisa compreender como, na filosofia de Merleau-Ponty, se compreende a relação entre os conceitos de negatividade e desejo, ambos implicados na sua descrição do corpo, em sua imbricação com o mundo.

Agência Financiadora: CAPES

6. EIXO TEMÁTICO: ENSINO FUNDAMENTAL DE 9 ANOS

MESTRADO

(RE)PRODUÇÃO DA CULTURA ESCOLAR NO CONTEXTO DE AMPLIAÇÃO DO ENSINO FUNDAMENTAL PARA 9 ANOS.

Bezerra, Delma R. Silva & Silva, Ana Paula Soares

Pesquisa em andamento

Ao considerar a escola como um espaço importante de (re)produção da cultura, que possui um duplo caráter instrumental: de manutenção e de transformação do sistema, situamos nossa perspectiva no diálogo com uma questão central da educação, quer seja, qual o papel da escola no processo de transformação social e mais, que possibilidades de transformação são dadas *dentro* do espaço escolar. Os sistemas educacionais brasileiros e suas respectivas unidades escolares vivem um momento muito importante de mudança do ensino fundamental. Essa modificação decorre das determinações aprovadas na Lei 11. 274, de 6 de fevereiro de 2006, que fez aprovar a proposta de ampliação do ensino fundamental de 8 para 9 anos, com a inclusão das crianças de 6 anos que eram atendidas até então pela educação infantil. Essa mudança legal afeta o cotidiano e a cultura das instituições, provocando a necessidade de mudanças não apenas concretas como também simbólicas. Compreender as relações entre o velho e o novo, nesse momento, parece-nos uma oportunidade ímpar para a investigação dos modos como operam os processos de (re)produção da cultura escolar. Considerando isso, estamos estudando o processo de (re)produção da cultura escolar no contexto de ampliação do ensino fundamental para 9 anos a partir da perspectiva de 11 profissionais (professores, coordenador e diretor). Todos os participantes atuam em uma mesma escola da rede municipal que iniciou a implementação do ensino de nove anos em 2007 e que, na época da coleta de dados, estava em seu segundo do ensino referido em curso. Foi feita uma entrevista com cada participante, que teve em média a duração de 40 a 50 minutos. O roteiro de entrevista abordou perguntas com os seguintes temas: (1) *mudanças e continuidades da cultura escolar*; (2) *mudanças propostas pelo ensino fundamental de 9 anos e a concretização de um novo currículo*. Neste momento da pesquisa, estamos no início da análise de dados. A princípio, estamos mapeando as entrevistas com o objetivo de identificar o que os participantes pontuaram como mudança ou não. Além disso, estamos identificando as interpretações divergentes do que os profissionais indicaram como continuidade ou permanência. Os primeiros dados têm nos mostrado que as mudanças e as continuidades são significadas diferentemente por cada profissional, uma vez que cada elemento (seja de conservação ou de mudança) é usado para justificar diferentes interpretações do processo de implementação do ensino de nove anos. Outro dado é que a resistência à mudança nem sempre está relacionada com a hipótese que tínhamos de não formação ou não preparação do profissional, mas está ligada também a falta de estrutura física da escola que impossibilita o desenvolvimento do que é proposto.

CONCILIAÇÃO FAMÍLIA TRABALHO: A PERCEPÇÃO DE CRIANÇAS SOBRE O CUIDADO DO LAR.

Souza, Maria Tereza F. & Caldana, Regina Helena L.

Pesquisa em andamento

A família é algo muito antigo, porém, paradoxalmente é algo muito novo, já que ela se remodela e transforma segundo a sociedade em que está inserida. Na Idade Média e no Brasil colonial, a família tinha apenas a função de transmitir a vida, bens e nome, sem maiores vínculos de afetividade. Com a sociedade burguesa surge o sentimento de infância e a família passa a se organizar em torno da criança. A manutenção da família burguesa se dá com o pai como provedor financeiro e a mãe como responsável pelas tarefas domésticas e educação das crianças. Esta estrutura é transformada quando a mulher passa a trabalhar fora do lar, e com isso novos papéis são atribuídos a e assumidos por cada membro do casal, pelos filhos e por terceiros que ajudam na manutenção da dinâmica familiar. Assim sendo, este trabalho tem como objetivo conhecer melhor como é a divisão e atribuição de papéis no cuidado com o lar, em famílias em que ambos os pais exercem seu trabalho profissional fora do ambiente doméstico, sob a perspectiva das crianças. O referencial teórico metodológico utilizado será o da *Rede de Significações*, constituindo-se em um estudo de natureza qualitativa, tendo na entrevista realizada com crianças o material empírico. Essas entrevistas são chamadas de “conversas”, sendo uma mescla de entrevista semi-estruturada tradicional com desenhos e jogos. Participaram da pesquisa quatro crianças, entre 6 e 10 anos, sendo que duas tinham a mãe trabalhando em período integral e as outras duas com a mãe trabalhando em período parcial. Foram realizados três encontros temáticos com cada criança, nos quais todas as “conversas” (forma como a entrevista foi chamada) foram gravadas e transcritas na íntegra, e analisadas qualitativamente. A análise dos resultados, realizada até o momento, aponta que as crianças percebem como se dá a divisão de tarefas entre seus pais no que se refere ao cuidado com a casa e consigo e tecem suas opiniões sobre tal divisão. Além disso, ressaltam a importância da ajuda que exercem, seja fazendo pequenas coisas de limpeza e cuidado com a casa, seja apenas mantendo suas coisas em ordem. Reconhecem a necessidade da ajuda de terceiros, como faxineiras ou parentes que dão um auxílio, vendo que os pais, e mais especificamente as mães, não conseguem fazer tudo sozinhos. Também percebem que a mãe tem mais responsabilidades nesse cuidado com o lar, e que são elas que assumem a maioria das responsabilidades de limpeza e manutenção do lar, independentemente da presença de terceiros. Os pais ficam com o papel de ajudantes das mães, realizando pequenos serviços.



CRECHE E PRÉ-ESCOLA CAROCHINHA - COSEAS USP RIBEIRÃO PRETO - SP

VIAGEM AO FANTÁSTICO TRENZINHO SURPRESA DO NICOLAU.

Silva, Alma Helena Alves da

O presente painel vai relatar o trabalho realizado na Creche/ Pré-escola Carochinha, com um grupo de dez crianças com idades entre 1,5 meses a 2,5 meses. A idéia nasceu e foi tomando forma a partir das observações da educadora do grupo em relação às interações que as crianças estabeleciam com a variedade de livros aos quais tinham acesso diariamente na nossa Biblioteca Setorial (cantinho de livros localizado na sala de referência do grupo) bem como das observações dos comportamentos que apresentavam durante os momentos de ouvir histórias. Os principais objetivos do trabalho foram: 1) trabalhar a concentração durante os momentos de ouvir histórias, principalmente as que eram apresentadas em forma de leitura; 2) incentivar a ampliação do vocabulário e a construção textual na oralidade; 3) incentivar o cuidado e a conservação dos livros, como um patrimônio de todos. O trabalho passou por várias etapas, envolvendo: 1) a tão esperada chegada do Nicolau com seu trenzinho que trazia diferentes tipos de livros para as crianças manusearem e posteriormente ouvirem a leitura feita pela educadora, 2) a visita de dois outros personagens (um apreciador e conservador dos livros e um vilão, que embora apreciasse histórias, não sabia cuidar dos livros); 3) os dias especiais onde as crianças levavam livros da creche para casa e de casa para a creche e contavam as histórias para os colegas; 4) a organização de oficinas culinárias realizadas a partir de livros de receita e também 5) a gravação e reprodução de fitas em áudio com as crianças contando histórias. Para finalização do trabalho foi organizado um momento muito especial em que Nicolau despede-se das crianças trazendo o último livro intitulado O Trenzinho do Nicolau. Por ocasião da nossa Exposição Anual – Mostras da Carochinha: Exposições Múltiplas, o grupo expôs alguns painéis com produções individuais das crianças elaboradas à partir dos títulos de algumas histórias que o grupo havia elegido como sendo as que mais gostavam (colagens com palitos de sorvete e pinturas com guache para ilustrar a história Margarida Friorenta, bolinhas de jornal e pintura com terra para a história O Grande Rabanete etc). Foram também expostos os livros de Cantigas de Roda, organizados pelas educadoras e ilustrados individualmente pelas crianças a partir do uso de diferentes materiais, como por exemplo: lã, algodão, papéis coloridos, palitos etc. Como resultado do trabalho foi possível observar uma maior concentração das crianças ao ouvir histórias, avaliou-se um avanço significativo na construção de pequenos textos orais e um cuidado maior no manuseio dos livros por parte do grupo.

SE ELA NÃO ME ESCOVA, EU DANÇO!

Costa, Eliane Facincani

Este projeto relata uma experiência pedagógica desenvolvida no 1º semestre de 2008, na Creche Pré – Escola Carochinha/ COSEAS/ USP-Ribeirão Preto, com crianças de 4 e 5 anos da Turma Sol. O objetivo deste projeto foi incentivar a prática da escovação de dentes de maneira correta de forma que as crianças pudessem apropriar-se desta ação. Trabalhar com a higiene bucal na infância colabora para que as crianças comecem desde cedo a prevenir a

cárie e outros problemas bucais, através dos cuidados básicos como: escovação, uso do fio dental e visitas regulares ao dentista. A prevenção da saúde bucal é uma medida importante para que tenhamos dentes e gengivas saudáveis. Observando as crianças da turma no momento da escovação no início do ano notei que as crianças mordiam e brincavam com suas escovas, chupavam o creme dental etc. Esta ação precisava ser melhorada com urgência. Em rodas de conversas, oficinas, pesquisas e durante as brincadeiras fomos conversando sobre a forma de se utilizar a escova e creme dental. Durante nossas rodas conversávamos se elas achavam que estavam utilizando de maneira correta a escova e porque era tão importante fazer uma boa higienização bucal. Nas diferentes etapas do projeto discutimos: o que é cárie, bactéria, placa bacteriana e a importância de uma boa alimentação e outros aspectos importantes para a saúde bucal. As crianças foram se apropriando da escovação correta e, após algumas semanas, já sabiam diferenciar uma boa escovação. Para abordar com elas a importância do uso do fio dental, de uma alimentação balanceada, do flúor e tantos outros temas relacionados ao cuidar da higiene bucal, utilizei diversas linguagens (musical, plástica, faz-de-conta, etc.). Assim trabalhamos também com elas a noção de que uma boa saúde bucal não compreende apenas escovar os dentes, mas também a apropriação de outras práticas. Buscamos fazer essa reflexão de forma significativa e prazerosa que foram provocados pelo nosso planejamento. Realizamos várias oficinas onde construímos com papel machê e sucatas alguns objetos e brinquedos como balas, frutas, legumes, escovas “boas” e velhas, bonecos-bactérias, creme dental, flúor, fio dental, bocas com dentes saudáveis e dentes cariados, entre outras. As histórias relacionadas com o tema em discussão: o que é fio dental, para que serve o flúor, o que é placa bacteriana, bactéria, importância de ir ao dentista entre outros se tornou assunto predileto da Turma. Durante todo o projeto tivemos a participação efetiva das famílias trazendo importantes contribuições, seja trazendo informações seja participando de outras ações. Os resultados foram positivos. Isto pode ser evidenciado com apropriação da escovação, onde observamos que as crianças da Turma Sol não passavam um dia sequer sem realizá-la. Assim que acabam as refeições sempre tinha alguém fazendo o seguinte convite: - Vamos escovar os dentes?

ERA UMA VEZ BEBÊS QUE “LIAM” HISTÓRIAS.

Silva, Eva Agassi Martins da

O presente trabalho vai relatar algumas ações educativas realizadas com um grupo de bebês de 6 a 18 meses, na Creche e Pré-escola Carochinha/ COSEAS-USP, durante o ano de 2006. O que motivou este trabalho foi a crença de que é possível apresentar às crianças, desde muito cedo, o mundo encantado das letras. O objetivo foi propiciar o contato com a língua escrita e a ampliação do repertório lingüístico, por meio da reprodução dos sons e das palavras presentes nas histórias dos livros. Vivenciando a prática de ler, ouvir e contar histórias para as crianças pequenas pudemos observar o quanto é possível elas ensaiarem a construção de frases. Durante todo o período buscamos proporcionar o contato e o despertar do interesse por parte das crianças pelos diferentes portadores de texto que estavam presentes diariamente no berçário, desde recortes de figuras, como e, principalmente, pelos diferentes tipos de livros: grandes, pequenos, de capa e folhas duras, de plástico, de pano, entre outros. Além dos livros buscamos também utilizar outras estratégias, tais como: o uso de fantoches, a construção de um painel no pátio com inúmeras figuras de diferentes histórias, o uso sistemático das caixinhas que contam histórias e a vinda de personagens – educadoras vestidas de fada, bruxa etc. Durante o desenvolvimento das ações pudemos perceber que as crianças associavam o vocabulário presente durante as interações que se estruturavam nas sessões de contação das histórias com as

nossas idas a Arca de Noé – viveiro localizado no parque da instituição onde ficam os nossos bichos de estimação. Assim, mesmo não tendo organizado anteriormente esta estratégia educativa para os objetivos deste trabalho ir ao parque visitar os bichos passou a ser uma ação muito importante para conseguir os resultados que conseguimos. Isto ficou muito evidente quando trabalhamos a história: O Patinho Cirillo. As reflexões sobre estas ações nos mostraram o quanto a mediação do professor foi fundamental no sentido de acompanhar os gestos que emergiam junto com as falas e a partir deles e das vocalizações, mostrar-se um apoiador da oralidade da criança: seja apresentando o personagem, nomeando as figuras, fazendo perguntas e, muitas vezes, sugerindo e verbalizando ações trazidas pelas figuras que nem sempre faziam parte do que estava escrito no livro. Assim pudemos perceber que o papel de mediação em contextos como este vai muito além do selecionar, organizar e disponibilizar os materiais para as crianças. Além de acompanhá-las no seu movimento de construção da língua e das hipóteses que elas estão construindo, o papel do professor como parceiro para a expressão das suas emoções: medo, admiração, surpresas também mostrou-se fundamental.

BRINCADEIRAS DE CRIANÇAS.

Toledo-Abrahão, Grace Mara

O presente trabalho vai relatar as atividades desenvolvidas com a Turma Floresta (crianças de 5 a 6 anos) durante o ano de 2008, na Creche Pré-escola Carochinha/COSEAS-USP, Ribeirão Preto. Tendo como princípio que a melhor maneira de a criança aprender a brincar é brincando: sozinha, com outra criança e em grupos, com diferentes brinquedos e objetos, o projeto denominado **Brincadeiras de crianças** teve como objetivo oferecer oportunidades para as crianças pesquisarem e conhecerem diferentes tipos de brincadeiras de rua e jogos de mesa. A intenção foi motivá-las a brincarem e a partir desta ação estabelecer uma forma de relacionamento entre elas onde ocorresse: colaboração, companheirismo, respeito às regras, elaboração de frustração em situações de perda ou quando o ponto de vista de uma determinada criança não fosse o mesmo do definido pelo grupo através das conversas e negociações. As atividades foram desenvolvidas ao longo de todo ano, de março a dezembro e, nesse processo, as crianças puderam se apropriar de 20 brincadeiras de rua diferentes e 8 jogos de mesa. Durante as brincadeiras as crianças puderam expressar muitos sentimentos: medo, alegria, entusiasmo, tristeza; puderam também mostrar-se corajosas, solidárias etc. Ao longo do trabalho puderam-se verificar mudanças no comportamento do grupo: as crianças começaram a demonstrar maior autonomia para iniciar, bem como manter as brincadeiras, aumentou consideravelmente o respeito às regras não só do funcionamento dos jogos e brincadeiras mas também de outros combinados realizados no grupo. Aumentou também a paciência e a tolerância por parte de algumas crianças quando um colega ainda não havia se apropriado corretamente do brincar. Como algumas brincadeiras tradicionais apresentam uma variação nas regras foi possível também às crianças exercitarem diferentes pontos de vista e fazerem negociações para poderem brincar em grupo. Pudemos observar que ao longo do processo aumentou bastante o respeito aos combinados sem necessidade da intervenção das educadoras. Como produto do projeto foi elaborado um livro organizado coletivamente com as crianças no qual se descrevia a brincadeira ou jogo e a forma como se brincava. Para a organização do livro cada criança escolheu qual brincadeira iria ilustrar através do desenho e, próximo ao desenho, a criança também deixava registrada a sua opinião sobre aquela brincadeira ou jogo. Com estas experiências pôde-se constatar um maior amadurecimento emocional do grupo e de cada criança individualmente. E também o quanto é significativo, eficiente e divertido aprender brincando.

CALENDÁRIO BIOLÓGICO: UMA PROPOSTA PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Silva, Nádia Fernanda Machado

O presente trabalho relata uma experiência pedagógica desenvolvida no Projeto “A Construção de um Calendário Biológico na Creche Carochinha” (Kawasaki, 1999), projeto este que vem sendo realizado junto a educadores e crianças desta Creche desde 1999. As atividades pedagógicas, que tiveram como ponto de partida a construção de um Calendário Biológico do Campus da USP-RP, que registrou por meio de fotos e anotações periódicas os diferentes ciclos de vida de plantas localizadas neste local, fazem parte do planejamento escolar e incluem conteúdos de ciências naturais e de educação ambiental. Este projeto, com mais de dez anos de existência, visa desenvolver nas crianças, além destes conteúdos específicos, a noção de tempo e de ciclicidade, bem como, aspectos de conservação da natureza e vínculos de afetividade destas crianças pela mesma. Atividades anteriores realizadas neste Projeto incluem observações sistemáticas de eventos e ciclos de vida, identificadas em áreas externas da Creche e do Campus, como por exemplo: a época das florações dos ipês que surgem no período que chamamos de inverno; as painas (frutos das paineiras) que surgem entre abril e maio; o canto das cigarras marcando o início da primavera, períodos de seca e chuva e outros eventos biológicos que, à medida que se repetem, transformam-se em marcadores de tempo. Observando estes ciclos e percebendo a curiosidade das crianças em relação a esses fenômenos, enfocamos nosso trabalho nas épocas de frutificações das árvores presentes no quintal da Carochinha e no Campus da USP-RP. Neste contexto, no ano de 2009, o projeto abordou a temática sobre a construção do calendário de frutas, verduras e legumes da época, onde foram incluídos outros conceitos como os aspectos nutricionais das frutas e hortaliças envolvidas no trabalho, as características de seus respectivos vegetais e o caminho que estes percorrem até chegarem às nossas casas. Tais atividades mostram uma forma de explorar os ambientes externos e a sua importância para estimular a curiosidade e a atenção de crianças abaixo de sete anos. As turmas escolhidas para participarem no ano de 2009 foram: as turmas da pré-escola (módulo Azul) “Planeta Terra” e “Pica Pau”. As temáticas escolhidas foram trabalhadas através das observações das árvores frutíferas do parque da creche e pré-escola Carochinha, assim como o cuidado com plantações de almeirão e visita à horta.

Agência Financiadora: Pró Reitoria de Cultura e Extensão Universitária

EXPOSIÇÕES INTERATIVAS NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Pantoni, Rosa Virginia

Muitos foram os avanços na área da Educação Infantil nos últimos 10 anos, em especial a formalização tanto no âmbito legal como na produção de pesquisas no que se refere à atual concepção de infância e de criança enquanto sujeito social e produtora de cultura. Considerar então a criança e o currículo na Educação Infantil com base nesta perspectiva implica em formar os professores de modo a organizarem ações que coloquem efetivamente as crianças nesta posição. O presente trabalho tem como objetivo apresentar como tem sido organizadas as Exposições Interativas que vem sendo realizadas na Creche Carochinha/COSEAS-USP-RP e trazer algumas reflexões sobre a importância desta prática para a formação dos professores e para a aprendizagem das crianças. Estas exposições se constituem de uma Mostra Anual que

tem como objetivos: socializar experiências educacionais das crianças de 4 meses a 6 anos com o coletivo dos professores, crianças, famílias e comunidade; bem como promover a cultura da infância no espaço educacional e na comunidade, valorizando as diferentes formas que as crianças encontram para comunicarem suas aprendizagens, expressarem seus sentimentos, desejos e pensamentos. Busca também aproximar as famílias da concepção e do trabalho desenvolvido na instituição. A exposição denominada de **Mostras da Carochinha – Experiências Múltiplas** é organizada durante 2 meses para as crianças e respectivas famílias, educadores e demais usuários da instituição e, posteriormente, alguns materiais são selecionadas para integrarem uma exposição aberta à comunidade no Centro de Visitação da Universidade de São Paulo- Campus de Ribeirão Preto. Durante as exposições os diferentes grupos de crianças têm oportunidades para desenvolverem o senso de competência e autoria, se apropriarem de uma prática social que as instrumentalizam a terem um olhar crítico sobre estética, bem como aumentarem sua auto-estima ao terem suas produções apreciadas pelas outras crianças e adultos. As exposições são organizadas a partir de um cronograma planejado previamente pelos professores e equipe técnica e contemplam produções que envolvem diferentes linguagens e mídias, tais como: murais, maquetes, esculturas, livros, teatro, vídeos, danças etc (daí o termo: **experiências múltiplas**). **Interativa** refere-se à concepção da Mostra cuja organização busca colocar à disposição dos visitantes (adultos e crianças) os diferentes materiais que a compõe de modo que as pessoas possam não somente apreciar, mas também interagir com aquilo que está sendo mostrado. Assim, por exemplo, ao conhecerem, através de painéis ilustrativos, um trabalho de experiências sensoriais realizadas com os bebês, os participantes, além de lerem as informações e olharem as fotos, também são convidados a experimentarem as sensações vivenciadas. O presente painel busca mostrar que as exposições, ao serem organizadas com a participação do coletivo da instituição podem se constituir não apenas como resultado e produto de práticas educativas, mas também como um locus privilegiado de aprendizagem para as diferentes faixas etárias e desenvolvimento dos adultos.

SEMEAR, CULTIVAR E FLORESCER: TRABALHANDO A PRESERVAÇÃO AMBIENTAL NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Stella, Rosana

O presente trabalho vai relatar um projeto que foi desenvolvido com um grupo de crianças de cinco a seis anos, na Creche e Pré-escola Carochinha COSEAS/USP-RP. Este projeto teve uma duração de cinco meses e o objetivo foi difundir a necessidade da preservação do meio ambiente entre nossas crianças e suas famílias, mostrando-lhes como nosso rico ecossistema têm sido destruídos por falta de cuidados e informações. O projeto focou a redução e reutilização do nosso lixo. Para isso foram realizadas as seguintes ações: 1) pesquisas realizadas pelas famílias, crianças e educadores; 2) confecção de painéis informativos e de curiosidades sobre o tema desenvolvido; 3) oficinas propostas como: reciclagem de papel, onde estes foram utilizados na confecção da capa de um livro da turma; construção de enfeites com materiais reciclados trazidos pelas famílias que adornaram tanto a sala quanto os pátios da nossa creche; 4) apresentação de uma peça de teatro onde o figurino foi confeccionado pelos pais reutilizando materiais. 5) ida para assistir uma peça de teatro promovida pelo Grupo Teatral do Campus, que tratava dos desperdícios e descasos do homem frente a importância deste tema. 6) construção e alimentação de uma composteira, da qual resultou um composto orgânico utilizado como adubo no plantio de alface e cenoura na horta deste grupo; 4) avaliação e seleção periódica do lixo produzido na creche, 5) passeios com objetivos específicos: um para observação da diversidade de um ecossistema - visitamos as áreas de mata que estão sendo

reflorestadas no Campus da USP de Ribeirão Preto e outro em uma fazenda que trabalha com a preservação e manutenção de espécies raras (Fazenda Visconde). Durante o desenvolvimento do trabalho pudemos observar um grande interesse do grupo pelas atividades, eram freqüentes as crianças e famílias trazerem materiais para nossas oficinas e painéis e comentarem sobre os descuidos do meio ambiente que observavam diariamente por onde passavam. Como resultado pôde-se constatar uma mudança significativa de comportamento nas crianças que questionavam e argumentavam diante das ações de alguns adultos que não respeitavam a Natureza. Elas assumiram para si a tarefa de defensores do meio ambiente mostrando-se indignadas quando presenciavam alguma atitude deste tipo. Considerando as mudanças que se operaram nas ações das crianças, nós educadoras ficamos muito otimistas quanto a termos uma geração mais consciente sobre a necessidade de um novo paradigma em relação à Natureza.

PROCESSO SAÚDE-DOENÇA E SUAS IMPLICAÇÕES NA EDUCAÇÃO INFANTIL.

Januário, Silvana

São inúmeras as pesquisas que têm demonstrado a importância da educação para a promoção da saúde e construção da cidadania. Em particular, na Educação Infantil é imprescindível à necessidade dos profissionais refletirem sobre esta questão, promovendo ações integradoras de cuidar e educar, pois é nesta faixa etária que as crianças estão no processo de construção de sua identidade, autonomia e se constituindo enquanto indivíduos. O termo cuidado é portador de muitos sentidos e de acordo com o sentido que lhe é atribuído pode-se priorizar alguns aspectos do desenvolvimento humano em relação a outros. O educador necessita de uma boa formação tanto para educar quanto para cuidar e o cuidado não deve ser realizado instintivamente, também necessita de conhecimentos, habilidades e instrumentos que vão além de uma simples ação pedagógica. Sendo assim, as creches e pré-escolas têm o importante papel no processo de preservação de um ambiente saudável para o bem estar físico individual e coletivo, na conquista de uma melhor qualidade de vida para as crianças e suas famílias. Para tanto se faz necessário conhecer algumas concepções de saúde-doença e algumas práticas necessárias que compete aos profissionais da Educação Infantil para a promoção da mesma. A saúde-doença dos indivíduos não deve ser compreendida como um fenômeno individual e sim relacionado com a qualidade de vida, à sociedade e o mundo em que vivem. Cada sociedade e cada período histórico determinam valores e padrões de saúde-doença, por isso é importante analisarmos este processo de acordo com seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais. A maneira como uma determinada sociedade organiza e valoriza a produção de vida juntamente com suas conseqüências seja positivas ou negativas é que acabam por determinar os problemas de saúde que com mais sistematicidade estarão vinculados aos grupos sociais. Esta concepção de saúde-doença vem está em consonância ao conceito assumido em 1948 pela Organização Mundial de Saúde em que saúde é o estado de completo bem estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença. Sendo assim, o processo saúde-doença não deve ser compreendido como situações abstratas ou absolutas e de exclusiva responsabilidade dos indivíduos, de suas heranças genéticas, seus esforços pessoais e nem tão somente de responsabilidade dos setores do poder público. Cabe então às instituições de Educação Infantil uma séria reflexões a respeito de suas práticas e concepções inerentes à saúde: se estão pautadas como um fenômeno individual, familiar, totalmente desvinculado da instituição ou como um fenômeno social que se constrói na cultura e no modo de vida da comunidade em que atuamos. Ao adotar a segunda concepção, este trabalho traz uma reflexão sobre a importância dos educadores fazerem intervenções com enfoque no processo saúde-doença,

através da defesa e organização de práticas educacionais que ampliem e melhorem a qualidade de vida das crianças e, conseqüentemente, das famílias que freqüentam a instituição.

COMO CRIANÇAS DE 2 ANOS REGISTRAM SUAS EXPERIÊNCIAS

Macedo, Ariane Cristina Fermino de & Braga, Regina Mara Honce

Esse relato conta como crianças de dois a três anos fizeram para registrar pesquisas, passeios de observação, experiências, entrevistas, histórias, brincadeiras. Também apresenta a maneira que as educadoras transformaram esses registros em um livro significativo para as crianças e suas famílias. A ideia foi dar visibilidade para as diferentes ações educativas dos pequenos oportunizando interações das crianças entre si e das crianças e suas produções. Dar visibilidade para nós significou explicitar o processo através do qual, as crianças se apropriaram dos conteúdos que foram apresentados, às vezes de forma individual e outras vezes de forma coletiva. Para isso, foram planejadas variadas situações educativas, em que crianças e suas famílias puderam entrar em contato com diferentes formas de linguagens, dentre elas: gestual, plástica, musical, oral, escrita, aumentando assim, sua autonomia e curiosidade. Para tanto, as crianças acompanharam cada ação planejando e buscando construir aviões de diferentes tamanhos, cores e formatos. Construíram, pesquisaram, entrevistaram e apresentaram seus novos olhares, pois, é construindo representações que a criança registra, pensa, lê o mundo. Através do faz-de-conta, a criança assimila a realidade externa adulta à sua realidade interna. Para apresentar o trabalho desenvolvido a toda a creche na exposição anual, organizamos um museu que intitulamos “Museu do Avião”. Para o museu, contamos com a ajuda dos familiares que participaram de uma oficina realizada junto com as crianças com o objetivo de construir aviões com materiais alternativos. Aqui crianças e suas famílias leram histórias, textos informativos, revistas especializadas, além de fazerem pesquisas sobre o assunto. Posteriormente as crianças discutiram entre si sobre os modelos de aviões pesquisados e em uma entrevista individual com as educadoras, cada uma escolheu qual era o seu avião preferido. Isso tudo foi registrado em vídeo e entregue às famílias. Organizamos um folder para cada criança, contendo o desenho do modelo de avião escolhido em sua cor preferida feito pelas crianças. Esses folders possibilitaram que as crianças analisassem seus registros à luz do modelo escolhido, estabelecendo comparações e identificando diferenças e semelhanças. Enviamos às famílias que confeccionaram os modelos escolhidos, fazendo uma grande surpresa para as crianças no dia programado para a exposição. Finalizamos com um livro no qual as diferentes situações das mais simples às mais complexas foram explicitadas. Desta forma, crianças e famílias, crianças e crianças, puderam revisitar tudo o que havia sido aprendido, pesquisado, buscado, ao longo do ano. Alguns exemplares do Livro que conta essa história estarão disponíveis para consulta junto ao painel.

A CONSTRUÇÃO DA ORALIDADE: O CASO DA GALINHA

Silvatti, Ismália Karoline & Carreiro, Ana Carolina C.

Esse trabalho relata uma experiência com bebês de nove meses a um ano e três meses de idade, sobre a construção da oralidade. Nessa oportunidade elegemos um personagem e uma história. Muitos objetos circularam na sala por aproximadamente dois meses observamos que a Galinha era a mais querida entre os pequenos. Através de pesquisa realizada pelas

professoras, resgatamos a história da Galinha ruiva que possibilitou a ampliação de diversas situações educativas e novas experiências.

Aproveitamos para planejar um projeto onde bebês através dessa história pudessem manifestar diferentes expressões, foram planejadas e realizadas diversas situações educativas onde os bebês puderam entrar em contato com diversas linguagens. A Galinha fez participação especial na história da Galinha Ruiva que foi contada através de um tapete, o que possibilitou aos bebês apresentação da história e de seus personagens. A história foi enriquecida com recursos sonoros como palmas, pau-de-chuva, sons dos animais e ainda com gestos e movimentos corporais, tornando-se um convite a brincadeira e ao incentivo dos bebês a realização de uma maior diversidade de gestos, expressões faciais e movimentos corporais. Em muitas oportunidades assistimos eles tomarem a iniciativa de sentarem no tapete, pegarem os personagens através de gestos e balbucios "recontarem a história". A história ainda nos possibilitou aumentar nossas experiências musicais e pudemos cantar várias músicas do repertório de tradição oral brasileira, acompanhadas de caixa de música, avental, vários instrumentos musicais, chapéus dos personagens da história. Com a presença da Galinha foi organizado um café da manhã onde os bebês puderam saborear um bolo especialmente feito para a ocasião, foi o momento onde os bebês brincaram de faz de conta dando pedaços de bolo para a Galinha. E o caso não para por aí, ainda fizemos interações com outras turmas de crianças menores e maiores, fomos a outras salas e ambientes da creche conhecendo novos espaços, ampliando o espaço de circulação dos bebês e propondo novos desafios de locomoção e comunicação, levando a nossa história adiante. "O Caso da Galinha" proporcionou ainda uma maior aproximação creche-família. Durante o projeto os pais conheceram ou lembraram a História da Galinha Ruiva e queriam saber o que as crianças faziam naquele dia. Finalmente organizamos um ambiente para acomodar a Galinha e para a nossa história, os bebês pintaram o nosso moinho cenográfico com tinta de farinha de trigo e fizeram muito mais... Brincaram muito em um espaço em que participaram de forma ativa de todo o processo de construção. Recebemos muitas visitas, crianças, professores e pais de toda a creche.

“COMO MONTAMOS UM CIRCO NA TURMA DO CIRCO”

Araújo, Liliane Terra Pereira ; Aparecido, Ivânia Aparecida Grossi ; Roiz, Luciane Pedrocchi & Zanete, Damaris Jesus.

Esse relato de experiência descreverá como construir um circo “verdadeiramente mentiroso” com crianças de 2 anos. A idéia foi planejar um cenário onde as crianças e suas famílias pudessem sentir-se instigadas a explorar diariamente um ambiente com diferentes personagens, musica e informações variadas sobre o circo no Brasil Para tanto organizamos esses espaços com a participação das crianças e famílias. Tecidos coloridos foram transformados em lonas, lotamos as tendas de mágicos, trapezistas, malabaristas, bailarinas e muitos animais. Rapidamente as crianças e adultos brincavam de aparecer e desaparecer objetos, eles se apresentavam ao som de musicas circense “ao respeitável publico!” Também construímos uma grande caixa circo para o espaço externo. Construímos seqüências espaciais propícios provocando novos equilíbrios: andar sobre um traçado no chão, sobre uma corda, subir e descer degraus equilibrar-se numa mureta, pendurar-se em cordas, rolar, balançar, pular e corre. Também usar os movimentos para pegar, lançar, encaixar, empilhar. Orientar-se com relação a conceitos como: em cima, embaixo, dentro, fora, na frente, atrás. Para que eles se apropriassem desse universo circense, trouxemos pessoas para fazer brincadeiras relativas ao personagem e assim eles aprendiam novas e brincadeiras e novas possibilidades de movimento. Brincadeiras regionais com palhaços, cambalhotas; mágicos, cartolas e coelhos, bailarinas de todas as cores

saia dançando em pontas dos pés como também com tecidos de diferentes texturas; equilibristas movimentaram bolas coloridas. Passado algumas semanas observávamos que todos eles já entravam. Os pais motivados pela alegria das crianças fizeram uma apresentação, para a Turma do Circo. Novamente muitos personagens reapareceram e para finalizar organizamos uma grande exposição para as turmas e as convidamos a brincarem de circo. Durante três semanas recebemos visitas das famílias e da comunidade uspiana. Também as crianças da Creche da Universidade Federal de São Carlos vieram participar do nosso espetáculo circense. No final de 2009 as crianças estavam completando 2 anos e todos eles cantarolavam: *uma pirueta, duas piruetas, bravo, bravo...* ou pediam para ver as figuras do livro: *Circo que chegou na cidade*, ou brincava no picadeiro de palhaços e trapezistas com muito mais desenvoltura e equilíbrio do que do início do ano.

PROJETO CAIXA DE AFRICANIDADES

Marchetti, Margarete & Parras, Silvia Elaine Martinez

Esse relato de experiência trata de apresentar ações educativas que consideram os parâmetros estabelecidos pela Lei n 10.639/03, que torna obrigatório o cuidado e a educação sobre História e Cultura Afro-Brasileira nas instituições de ensino básico. O motivo dessas ações foi a identificação da ausência de contato das famílias e da comunidade da Creche e Pré escola USP/COSEAS São Carlos com a cultura africana. Em princípio, foi feito um levantamento prévio do que as crianças conheciam sobre o tema. Identificou-se que as crianças conheciam a África através dos desenhos animados e destacavam em suas falas apenas os animais que lá existiam. Para ampliar o leque de conhecimentos sobre africanidades, as famílias foram envolvidas através de uma pesquisa que ajudou a ampliar o repertório. Também foi montado um espaço onde as crianças tiveram contato com essas novas informações. O ambiente foi caracterizado de forma a possibilitar à criança a ampliação de suas experiências e se desenvolver em todas as dimensões: afetiva, motora, cognitiva, social, imaginativa, lúdica, estética, criativa, expressiva, linguística. Para que as crianças se apropriassem dessa cultura, os recursos utilizados foram bonecos de pano, que mediaram diferentes relações entre as crianças e entre os adultos e crianças. Foi planejado também um caixa surpresa que abrigava histórias fantásticas, cartas, livros, objetos africanos, personagens e tantos outros objetos que ampliaram o repertório de múltiplas linguagens. Todas essas aprendizagens foram (re)apresentadas pelas crianças de quatro anos nas suas brincadeiras de faz-de-conta, ritmos, músicas, danças, desenhos e hábitos alimentares. Ficou claro o despertar do interesse das crianças por objetos que eles já conheciam, mas não manifestavam interesse em explorar, como por exemplo, as bonecas negras e os instrumentos musicais. Esse processo foi um exemplo de uma ação afirmativa, valorizando a auto-estima, conhecimento e reconhecimento da importância de vários povos. Através de ações positivas que não tratavam necessariamente da diferença de cor de pele ou traços físicos e que não destacava o racismo, a opressão ou a escravidão, buscou-se, dentro do repertório infantil traduzir a importância e a riqueza da cultura africana no desenvolvimento da cultura brasileira. Além das estratégias e recursos, essa experiência apresentou resultados significativos da participação e da adesão das famílias e amigos da creche de São Carlos como também de outras comunidade Universitárias como a UFSCar.

SÓ VÊ QUEM SABE: DOS PRIMEIROS GESTOS A TANTOS MOVIMENTOS

Betoni, Maria Dolores Alves Cardoso & Roiz, Luciane Pedrocchi

Este relato apresenta uma experiência de observações com bebês no primeiro ano de vida, na Creche e Pré - escola São Carlos COSEAS- USP. Considerando que ambientes organizados e com diferentes arranjos espaciais devem promover oportunidades para os bebês ampliarem gestos e movimentos; e como sabemos o feto ainda no ventre desenvolve pequenos movimentos e, conseqüentemente ao nascer o bebê busca plena liberdade dos membros para ampliar seus gestos resultando em comunicação continuada com o meio que ele está inserido. Ao oferecermos possibilidade de movimento à criança, deixando-a livre para explorar e descobrir seu próprio corpo ela estará adquirindo habilidades para progressivamente rolar, sentar, engatinhar e mais tarde andar e correr. Esse trabalho apresentará os arranjos espaciais e as oficinas que provocaram sensações e reações diversas (estranhamento, recusa) resultando em novos planejamentos e novas observações. Nessas observações vimos que o bebê com seus movimentos demonstra interesse por tudo que o cerca, fazendo então suas experimentações. Para que o bebê pudesse vivenciar diferentes sensações e desenvolver suas percepções organizamos oficinas. Nessas experiências as crianças puderam manipular e experimentar diferentes sensações com materiais gelados e quentes como gelatinas e sagus; materiais com espessuras diferentes como massas e farinhas. Os bebês experimentaram ainda diferentes paladares e odores. Também utilizamos novas texturas experimentando diferentes contatos com tecidos de algodão, seda e malha. Ocasionalmente registramos nossas observações em vídeos e fotos digitais. Observamos quando o bebê aceita e quando ele rejeita essas novas sensações. Aproveitamos cada momento oferecendo oportunidades de participação e em outro momento procuramos não “perturbar” suas ações *espontâneas*, interferindo o menos possível deixando o silêncio ocupar os espaços de interações com gestos, ritmos e sons. Levamos para supervisão com coordenadores, diretora e supervisora e posteriormente pudemos analisar a formação dos gestos, a possibilidade de comunicação, as descobertas das percepções. Nesse relato apresentaremos algumas cenas sequenciadas como também descreveremos pequenas reflexões que construímos nesse coletivo na busca de saber mais sobre interações, percepções de bebês no primeiro ano de vida. O relato mostrará como olhamos os gestos e movimentos, como aprender olhar com os olhos dos bebês – Só veremos se soubermos ver.

NO FUNDO DO MAR TEM CANTO?

Vittoretto, Rosângela Teyo.

Esse relato apresenta um trabalho desenvolvido com crianças de 5 anos na Creche e Pré –escola São Carlos USP COSEAS. Nele descrevemos como construímos um canto Temático com a turma Fundo do Mar. Mergulhados em livros, revistas, documentários e excussões temáticas o grupo apropriou-se de conhecimentos sobre a água e sobre a vida marinha. Estas descobertas instigaram a curiosidade fomentando questões que propiciaram o contato com experimentos científicos e provocaram discussões a respeito da utilização consciente da água e sua preservação. As crianças se utilizaram de diversas formas de registro como: desenhos, escrita, fotos e gravações em áudio, que foram socializados em painéis que envolveram e informaram as famílias e as outras crianças da creche. Essas descobertas e novos conhecimentos enriqueceram o repertório de faz de conta e foram representadas em brincadeiras com cavalo marinho, histórias contadas e cantadas, danças, cirandas e experiências que as aproximaram do habitat de tantas espécies. Essas vivências foram traduzidas de forma artística na reprodução de

bichos, plantas, sensações e experiências em um ambiente que provocou interações com crianças de diferentes faixas etárias. Em roda de conversa cada criança escolheu um animal marinho que as famílias confeccionam com materiais alternativos. Além da confecção, as famílias fizeram um relato sobre como confeccionaram os animais e de que forma a criança participou. Para explorar o canto do Fundo do Mar, as crianças construíram um submarino de papel machê, fizeram óculos de caixas de ovos e *esnorkels* de canos de PVC e conexões. Pintaram tecidos que foram pendurados de forma a delimitar o espaço onde seria o fundo do mar. E, por fim, entusiasmados, participaram da instalação dos objetos no cenário. Para tanto consideramos os espaços, os tempos, a funcionalidade e as possibilidades de interações, frutos de um planejamento coletivo da creche para que as crianças e suas famílias pudessem visitar e vivenciar histórias no fundo do mar durante dois meses.

BRINCANDO DE MARIA-FUMAÇA

Ramos, Thaís Helena Ferreira & Oliveira, Larissa da Silva

Realizamos um projeto com um grupo de crianças de três anos de idade abrangendo diferentes linguagens. A partir da escolha do nome da turma “Maria-Fumaça” planejamos a este grupo diversas experiências. Brincamos com uma Maria-Fumaça móvel, onde cada vagão foi construído pelas famílias e a cabine do maquinista pela turma. Construímos uma maquete feita de material alternativo com o tema “Os lugares onde a Maria-Fumaça passa”, ficando a disposição para brincadeiras entre as turmas da creche. Para conhecer uma locomotiva e como ela funciona, visitamos uma Estação Ferroviária, onde todos conheceram também o personagem fictício Senhor Celestino, um maquinista da Estação que passou a ser amigo da turma. A partir daí, passamos a trocar cartas e a receber cartões postais do Senhor Celestino, podendo assim mostrar às crianças alguns portadores de texto, bem como suas formas de comunicação. Além disso, eles conheceram poesias, entre elas “Maria-Fumaça e o dragão” que mais tarde transformou-se em um pequeno livro confeccionado pela turma. Em sala e em espaços externos da creche, as crianças brincaram de Maria Fumaça até mesmo enfileirando cadeiras e caixotes de plásticos. Nessas viagens imaginárias, visitaram países, praias, fizeram piquenique e até enfrentaram um dragão no Japão. Mas foi em uma viagem para a Alemanha que registramos todo o enredo da brincadeira, incluindo as falas das crianças. Junto delas decidimos como terminaríamos aquela história que se tornou um livro “A grande viagem da turma Maria-Fumaça”. Montamos uma estação ferroviária que seria um espaço brincante fixo para a mostra de artes anual feita na creche, e junto às crianças, em uma roda de conversa, decidimos os elementos que fariam parte dessa estação: bilheteria, bancos, malas, relógio e a locomotiva. As famílias confeccionaram bonecos de pano com as características de seus filhos para serem os passageiros desta locomotiva. Finalizamos esse projeto em uma reunião de pais, planejando nesse dia a visita do amigo Senhor Celestino para conhecer o espaço brincante “Estação Ferroviária” e também se despedir da turma. O personagem trouxe um livro sobre a história de um maquinista chamado Nicolau para a turma conhecer. A concretização do trabalho ficou marcada quando o amigo Senhor Celestino pediu para que as crianças declamassem a poesia “Maria-Fumaça e o dragão” e imediatamente saíram correndo para o canto que estava exposta a poesia e começaram a declamar. Podemos ver a apropriação do tema pelas crianças através da condução das brincadeiras e da diversidade de lugares e enredos que foram inventados por elas.

NO MEIO DO CAMINHO TINHA UMA CASA, TINHA UMA CASA NO MEIO DO CAMINHO

Nascimento, Vivian C. Davies Sobral

Este relato pretende demonstrar a importância do professor de educação infantil estar sensível às conversas das crianças, pois elas demonstram seus interesses e necessidades e apontam caminhos para novos aprendizados e descobertas. Pretende ainda destacar a necessidade de o educador elaborar um planejamento que, tendo intencionalidade, seja flexível para aproveitar as oportunidades que se apresentam no dia a dia. A Proposta para o grupo de crianças de 5 e 6 anos era trabalhar arte rupestre. As crianças já haviam estudado os dinossauros o que acarretou uma grande polêmica sobre a existência do homem em período concomitante. Embora em filmes e desenhos vissem homens e dinossauros convivendo, descobriram nos livros que os primeiros homens surgiram muito após o desaparecimento dos dinossauros. A educadora percebeu aí uma oportunidade de trabalhar a arte rupestre. As crianças foram se envolvendo e fizeram pesquisas que forneceram informações sobre onde e de que forma os homens primitivos registravam suas expressões artísticas. Através de vídeos, fotos, documentários, pesquisas na internet descobriram diferentes locais e materiais utilizados pelos primeiros homens para o registro. Enquanto a professora promovia situações em que as crianças pudessem experimentar os mesmos recursos dos homens das cavernas em seus registros, percebeu o interesse do grupo pela caverna enquanto moradia e as discussões que faziam comparando suas casas com as habitações da pré-história. Era uma grande oportunidade para desenvolver o tema, embora este não fosse seu objetivo inicial. A princípio firmou uma parceria com um artista plástico que se dispôs a construir uma caverna na creche. Isto possibilitou que as crianças se apropriassem do tema vivenciando o que viam em livros no quintal da creche. Ao brincar de faz-de-conta, as crianças estabeleciam relações importantes sobre o velho o novo, o passado e o presente. Essas relações presentes de maneira não intencional foram identificadas pela professora que provocou situações em que as crianças, através de registros e comparações pudessem significar-las de forma intencional. Para tanto, as crianças desenharam suas casas, compararam seus desenhos com as fotos, discutiram sobre formas de moradia, a localização geográfica através de mapas, utilizaram a escrita para registrar seus endereços e discutiram também sobre pessoas que não tem onde morar. Mais uma vez a professora foi surpreendida ao descobrir que os desenhos feitos pelas crianças retratavam casas imaginárias e não o retrato fiel de suas casas. O que possibilitou diferentes conversas e descobertas. Aproximou as famílias que, ao ouvirem os desejos e expectativas que as crianças tinham de suas casas e famílias eram convidadas a refletir sobre o assunto.

COMISSÃO ORGANIZADORA DO XVI ENCONTRO CIENTÍFICO DO CINDEDI

- ALDA DO PRADO ROMA
- BRUNA CALEFI GALLO
- JULIANA BEZZON SILVA
- FERNANDA LACERDA SILVA
- CAROLINA ALEXANDRE COSTA
- LETICIA FONSECA REIS FERREIRA DE CASTRO
- REGIANE SBROION CARVALHO
- RONIE CHARLES F. ANDRADE

ORGANIZADORAS DO LIVRO DE RESUMOS

- CAROLINA ALEXANDRE COSTA
- JULIANA BEZZON SILVA
- ALDA DO PRADO ROMA

CAPA

- CAROLINA ALEXANDRE COSTA
- JULIANA BEZZON SILVA